

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS FALE/UFMG

**AS CONSTRUÇÕES [V1*andar*+V2GERÚNDIO] E [V1*estar* +V2GERÚNDIO] NO
PORTUGUÊS DO BRASIL: formas em variação?**

Belo Horizonte

2021

Emanuele Garbero Lins Reis

**AS CONSTRUÇÕES [V1*andar*+V2GERÚNDIO] E [V1*estar* +V2GERÚNDIO] NO
PORTUGUÊS DO BRASIL: formas em variação?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos FALE/UFMG, como requisito parcial à obtenção ao título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Dra. Sueli Maria Coelho

Área de Concentração: Área 1 - Linguística
Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: (1A) Estudo da Variação e Mudança Linguística

Belo Horizonte

2021

R375c

Reis, Emanuele Garbero Lins.

As construções [V1andar+V2gerúndio] e [V1estar+V2gerúndio] no português do Brasil [manuscrito] : formas em variação? / Emanuele Garbero Lins Reis. – 2021.

87 f., enc.: il., tabs, grafs, color.

Orientadora: Sueli Maria Coelho.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 83-86.

1. Língua portuguesa – Variação – Teses. 2. Língua portuguesa – Gramaticalização – Teses. 3. Língua portuguesa – Verbos – Teses. 4. Língua portuguesa – Gramática histórica – Teses. I. Coelho, Sueli Maria. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III Título.

CDD: 469.5



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

**AS CONSTRUÇÕES [V1andar+V2gerúndio] E [V1estar+V2gerúndio] NO PORTUGUÊS DO
BRASIL: formas em variação?**

EMANUELE GARBERO LINS

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Aprovada em 31 de maio de 2021, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Sueli Maria Coelho - Orientadora
UFMG

Prof(a). Marco Antônio de Oliveira
PUC-MG

Prof(a). Lorenzo Teixeira Vitral
UFMG

Belo Horizonte, 31 de maio de 2021.



Documento assinado eletronicamente por **Sueli Maria Coelho, Vice diretor(a) de unidade**, em 31/05/2021, às 17:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lorenzo Teixeira Vitral, Professor do Magistério Superior**, em 01/06/2021, às 10:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marco Antônio de Oliveira, Usuário Externo**, em 07/06/2021, às 14:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0711558** e o código CRC **8DD928B2**.

AGRADECIMENTOS

Em tempos de pandemia, em que tenho lidado semanalmente com o luto, com as incertezas e sem a possibilidade de me isolar em casa, devido à minha atividade profissional, resignando-me à abstenção do convívio com meus familiares, pensei muitas vezes em não ter o que agradecer. Mas, ao analisar todo o cenário vivido – os sustos pela contaminação das minhas avós, cujas saúdes são comprometidas, que foram muito mais fortes e tiveram bem mais sorte que grande parte das pessoas queridas e bem mais novas que se foram; minha saúde física está preservada, apesar das adversidades –, percebi que eu tenho mil motivos para agradecer a Deus pela vida e pela oportunidade de me fortalecer a cada desafio.

Agradeço ao meu marido pelo amor, pela compreensão pela minha ausência e pelo suporte em tudo. Vivemos em 2020 momentos bem desafiadores; era nosso primeiro ano de casados e estávamos estudando, eu no período de aulas remotas, fazendo trabalhos, e ele, finalizando a pós-graduação de sua carreira militar, a qual me encheu de orgulho pela sua primeira colocação. Deus nos ajudou a passar por todas as lutas neste ano. E mais uma vez agradeço a Deus pelo marido que me deu, por sermos exatamente os lados que o outro precisa desenvolver: eu aprendo contigo a ser mais focada e a ter mais sensibilidade pelo outro e você aprende comigo a fé e a esperança.

Aos meus pais, agradeço pelas orações e pela compreensão da ausência, tanto pela pandemia quanto pelos estudos; a saudade ficou grande por muito tempo, mas esses momentos difíceis fortaleceram nossa união e nossa fé. Obrigada pelo encorajamento, por acreditarem tanto em mim, por enxergarem tantas qualidades que eu mesma não vejo e por sentirem, mesmo longe, quando preciso de uma palavra de força e de entusiasmo.

Agradeço imensamente a minha orientadora que, neste momento tão louco, trazia-me um norte e sobriedade em tudo. Obrigada, Professora Sueli! Eu não teria conseguido escrever nenhuma linha se não fosse toda a sua paciência e compreensão, sabedoria e orientação em relação às minhas tantas limitações. Desde a graduação, eu sempre a admirei, fazia todas as disciplinas em que o nome da professora aparecia, pois sua atitude em sala de aula me desafiava a aprender, suas provas eram as mais inteligentes e me encantava sua capacidade de ensinar e trazer luz àquilo que nos escurece. Agora na pós, essa admiração ganhou outras proporções, somada à gratidão, sinto-me honrada e queria ter o vernáculo um pouco mais

rebuscado para conseguir me expressar, em relação a tudo isso, à altura da sua inteligência inquestionável. Aprendi tanto, pois existem coisas que nós sabemos que sabemos: como dirigir um carro; existem aquelas coisas que sabemos que não sabemos: como pilotar um avião, e existem aquelas outras coisas que não sabemos nem que elas existem: como o aspecto verbal em meados de 2015. E, se não fosse a Dra. Sueli Coelho, eu jamais imaginaria que teria a oportunidade de ter uma pós-graduação. Por isso, mais uma vez agradeço a Deus pela bênção de colocar no meu caminho uma orientadora assim com um nível tão alto de predicados. Imaginar a graduação já era uma vitória, já que na família fui criada por uma avó que só assinava seu nome e meu pai tirou seu supletivo assim que pôde.

Agradeço às amigas que, na altura do campeonato, já nem me mandam mais mensagens, pela ausência cultivada durante esse tempo, mas que em momentos difíceis me ajudaram em oração e me deram ouvidos aos desabafos e, por isso, com certeza, tive muito mais forças para superar obstáculos. Por elas eu Agradeço a Deus!

Agradeço aos alunos que nutrem em mim a esperança, por compartilharem comigo seus sonhos e confiarem a mim a oportunidade de ajudá-los a terem um lugar no mercado de trabalho, em seus concursos públicos. Às vezes cheguei para a aula com o lamento no coração da perda de entes queridos devido à Covid-19; vocês me deram forças para que as madrugadas não fossem um empecilho para nada (para escrever e para preparar as aulas de gramática. Inclusive este agradecimento, que já deve ter ficado longo demais e pouco convencional).

Por fim, fica meu agradecimento à Educação, ciência que transforma realidades, que gera oportunidades de um futuro mais digno e sensível. Como tive professores que transformaram a minha vida, por compaixão ao próximo e por amor à profissão, que Deus me permita ser, por gratidão, essa profissional que também é agente de transformação. Que a nossa vida inspire outras, que Deus guie meus passos e que o futuro seja cheio de esperança e paz.

RESUMO

Esta pesquisa toma para si a tarefa de descrever as construções [V1*andar*+V2GERÚNDIO] e [V1*estar*+V2 GERÚNDIO] em relação às noções aspectuais que elas traduzem, a partir de um recorte diacrônico de três séculos (sec. XIX ao XXI), ancorada nos pressupostos da sociolinguística variacionista, combinado com questões teóricas atinentes ao conceito de *gramaticalização*, de *construção* e de *categoria verbal*, mais especificamente da categoria de *aspecto* (Cf. CASTILHO, 1968; KURYŁOWICZ, 1975[1965]; COMRIE, 1976; LEHMANN, 1982; TRAVAGLIA, 1985; HOPPER e TRAUGOTT, 1993; GOLDBERG, 1995; COSTA, 2002; BYBEE, 2003). A partir de uma análise quantitativo-qualitativa de 600 (seiscentos) ocorrências coletadas no banco de dados *Corpus do Português*, organizado por Mark Davies (2006), testamos a hipótese de que essas construções são formas variantes na codificação do aspecto durativo na língua portuguesa do Brasil, o que poderia ser um indício de que a origem do processo de gramaticalização dos dois auxiliares aspectuais seria o verbo relacional. Os resultados obtidos confirmaram a hipótese de que os auxiliares aspectuais *andar* e *estar*, que se ligam à forma nominal de gerúndio para traduzir o tempo interno de um evento, são oriundos das formas relacionais, configurando, assim, um processo de gramaticalização do [-gramatical] para o [+gramatical]. Entretanto, não foi possível atestar a variação e a concorrência entre as construções [V1*andar*+V2GERÚNDIO] e [V1*estar*+V2 GERÚNDIO] na marcação do aspecto, porque, embora ambas marquem os aspectos imperfectivo e cursivo, apenas a construção cujo auxiliar é *andar* marca iteratividade. Os casos em que foi atestada a variação entre as duas construções restringem-se a três contextos: (i) presença de expressão adverbial temporal, (ii) auxiliar flexionado no pretérito perfeito e (iii) construções lexicais.

Palavras-chave: aspecto; gramaticalização; variação linguística; construção de verbo auxiliar.

ABSTRACT

This research aims at analyzing the structures [V1_{WALK}+V2_{GERUND}] and [V1_{BE}+V2_{GERUND}] in relation to the aspectual notion that they express, from a diachronical framework, based on the perspectives of sociolinguistic variation, combined with theoretical questions regarding the concept of *grammaticalization*, *construction* and *verbal category*, more specifically the *aspect* category (Cf. CASTILHO, 1968; KURYŁOWICZ, 1975[1965]; COMRIE, 1976; LEHMANN, 1982; TRAVAGLIA, 1985; HOPPER e TRAUGOTT, 1993; GOLDBERG, 1995; COSTA, 2002; BYBEE, 2003). Making use of a qualitative- quantitative of 600 (six hundred) occurrences collected from *Portuguese Corpus* database, organized by Mark Davies (2006), the following hypothesis was tested, that those two structures are variation forms in the codification of the duration aspect from Brazilian Portuguese, which could be a sign that the origin of the grammaticalization process from the two aspectual auxiliaries would be the linking verb. The results confirm the hypothesis that the auxiliary verbs *walk* and *be*, which connect to the gerund noun form to translate the intern time of an event. derive from linking forms, setting up a grammaticalization process from [-grammatical] to [+grammatical]. However, it was not possible to test the variation and occurrence between the structures [V1_{WALK}+V2_{GERUND}] and [V1_{BE}+V2_{GERUND}] in aspect marking, since despite the fact that both mark the imperfective and cursive aspect, only the structure in which the auxiliary verb is *walk* marks iterativity. The cases in which the variation between both structures were tested are restrict to three contexts: (i) presence of time adverbial expression, (ii) auxiliary conjugated in past perfect and (iii) lexical structures.

Key-words: aspect, grammaticalization, linguistic variation, structure of auxiliary verb.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fases da gramaticalização de Ataliba Castilho (1997)	26
Figura 2 – Percurso de gramaticalização de um verbo pleno em verbo auxiliar.....	30
Figura 3 – Entradas lexicais distintas do verbo <i>estar</i>	31
Figura 4 – formas fundamentais de Reichenbach (1948).....	38
Figura 5 – Quadro do aspecto português em seus lineamentos gerais e suas subdivisões segundo Castilho (1968).....	43
Figura 6 – Quadro aspectual básico do sistema verbal português segundo Almeida (1980)..	44
Figura 7 – Quadro aspectual do português esquematizado por Travaglia (1985).....	45
Figura 8 – Página informativa sobre as interfaces do <i>Corpus</i> do Português.....	55
Figura 9 – Layout página <i>corpus</i> /Gênero Histórico - <i>Corpus</i> do Português.....	57
Figura 10 – Resultado de busca chave [estar] <i>corpus</i> /Gênero Histórico - <i>Corpus</i> do Português	57
Figura 11 – Resultados da chave [andar] [vpp**] na interface NOW do <i>Corpus</i> do Português	58
Figura 12 – Total de ocorrências da construção [V1 <i>andar</i> +V2GERÚNDIO]	60
Figura 13 – Total de ocorrências da construção [V1 <i>estar</i> +V2 GERÚNDIO].....	60
Figura 14 – Comparativo de ocorrências da construção [V1 <i>andar</i> +V2GERÚNDIO] entre países falantes de língua portuguesa.....	78
Figura 15 – Comparativo de ocorrências da construção [V1 <i>estar</i> +V2GERÚNDIO] entre países falantes de língua portuguesa.....	78
Figura 16 – Ranking de ocorrências da construção [V1 <i>andar</i> +V2GERÚNDIO].....	78
Figura 17 – Ranking ocorrências da construção [V1 <i>estar</i> +V2GERÚNDIO]	78

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Análise comparativa da produtividade de [ANDAR] e [ESTAR] na forma lexical	70
Gráfico 2 – Frequência gramatical de <i>andar</i> na diacronia estudada	71
Gráfico 3 – Frequência gramatical de <i>estar</i> na diacronia estudada.....	71

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quadro exemplificativo do aspecto durativo em construções [V1 <i>estar</i> +V2GERÚNDIO]	51
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quantitativo de dados por século do estudo	59
Tabela 2 – Produtividade das formas lexicais e gramaticais de andar e estar	66

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AUX	-	Categoria Auxiliar
GC	-	Gramática de Construções
PB	-	Português Brasileiro
PE	-	Português Europeu
V1	-	Verbo auxiliar
V2	-	Verbo principal

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	14
CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
1.1 Da variação e mudança linguística à gramaticalização	20
1.2 A mudança linguística por gramaticalização	24
1.3 Auxiliarização.....	28
1.4 Gramática de construções	32
CAPÍTULO 2: A CATEGORIA ASPECTO	35
2.1 Distinções entre tempo e aspecto verbal.....	35
2.2 O quadro aspectual do português.....	42
2.2.1 O aspecto durativo	46
2.3 Aspecto em construções de verbo auxiliar	47
2.4 As construções aspectuais [V1 <i>andar</i> +V2GERÚNDIO] e [V1 <i>estar</i> +V2GERÚNDIO]: formas em concorrência?	50
CAPÍTULO 3: METODOLOGIA	54
3.1 Do quadro teórico adotado e da constituição do <i>corpus</i>	54
3.2 Dos procedimentos de coleta dos dados	56
3.3 Da tipologia de pesquisa adotada e dos critérios de categorização e análise dos dados	59
3.4 Do teste de significância adotado	62
CAPÍTULO 4: DA ANÁLISE DOS DADOS E DOS RESULTADOS.....	65
4.1 Da produtividade lexical e gramatical das formas verbais <i>andar</i> e <i>estar</i>	66
4.2 Da possível concorrência.....	72
4.2.1 Verbos <i>andar</i> e <i>estar</i> relacionais	78
4.2.2 Análise das formas gramaticais de [V1 <i>andar</i> +V2GERÚNDIO]	78
4.2.3 Análise das formas gramaticais de [V1 <i>estar</i> +V2GERÚNDIO]	78
4.3 Resultados.....	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
REFERÊNCIAS	82

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O verbo *andar*, do latim *ambulare* (MAFRA, 2015, p. 11), é originalmente um verbo de movimento. Esses verbos, conforme definição formulada por Tenuta e Coelho (2018),

traduzem um movimento físico concreto e possuem um sujeito [+ animado] e [+ agente], capaz de atuar deliberadamente sobre o evento. Considerando-se que o processo de abstração é inerente às línguas, o que contribui tanto para a expansão semântica dos itens no domínio do léxico, quanto para a criação de novas formas gramaticais, esses verbos podem ocorrer em contextos mais abstratos, preservando ainda o estatuto de item lexical ou, esvaziando-se do conteúdo nocional que lhes assegura a natureza lexical, assumir estatuto de item gramatical, funcionando tanto como verbo relacional, quanto como verbo auxiliar (TENUTA E COELHO, 2018, p.139).

Em virtude dessa dinamicidade inerente às línguas, contemporaneamente, o verbo *andar* pode ser identificado em diversos contextos de uso na língua portuguesa, quer mais concretos, quer mais abstratos, os quais compreendem tanto forma lexical quanto gramatical, conforme ilustram estes exemplos, extraídos do *Corpus do Português* (DAVIES & FERREIRA, 2006):

(01) “Eu adoro **andar** na rua, eu adoro gente, aquela coisa de pegar todo mundo e abraçar”.

(02) “Não tem outro jeito, as prefeituras têm que **andar** com as próprias pernas, o Estado faz o que pode fazer com 654 municípios.”

(03) “Sharon Stone reclamou que os homens **andam** muito imaturos”.

(04) “Com isso, o senhor confirma que não deixará o ministério, como **andaram falando**”.

Em (01), observamos o verbo *andar* empregado em seu uso prototípico de verbo de movimento, com sujeito [+ animado] e [+ agente], tal como descrito por Tenuta e Coelho (2018). Nesse contexto, ele traduz um deslocamento físico do ser no espaço, o que corresponde a um sentido concreto. Em (02), estamos diante de um emprego abstrato da forma, já metaforizado, dado que o sujeito – Prefeitura – não é dotado dos traços [+ animado] e [+ agente]. Logo, não existe nesse contexto a referência a um deslocamento físico no

espaço, mas uma analogia com esse movimento, para conotar que as Prefeituras, na figura de seus gestores, devem se tornar independentes dos Estados e desenvolver sozinhas suas ações. Isso configura, portanto, um deslocamento abstrato na linha de ações e corresponde, semanticamente, ao ato de sair de um estado de inércia. Em (03), o verbo *andar*, apesar de possuir um sujeito [+ animado], não traduz um movimento concreto, como aquele retratado em (01), até mesmo porque o sujeito não carrega o traço [+ agente], no sentido de que não delibera sobre sua imaturidade. Observamos, nesse contexto, um uso de *andar* não mais como verbo de conteúdo, mas como verbo relacional, isto é, como um verbo de ligação, cuja principal função na língua é marcar aspecto, categoria gramatical que será definida no segundo capítulo deste trabalho. Em tal função expressa um movimento também abstrato, que evoca um deslocamento não mais no espaço, mas no tempo interno do evento, marcando, assim, sua duração. Por fim, em (04), o verbo *andar* funciona como auxiliar de uma construção aspectual [*andar* + gerúndio] que, assim como em (03), denota um movimento abstrato, ligado à marcação do tempo interno de um evento. Os exemplos apresentados ilustram, pois, um processo de abstração dos usos do verbo *andar*, tecnicamente conhecido como gramaticalização, que consiste, grosso modo, na passagem de um item da categoria lexical (Cf. 01 e 02) para a categoria gramatical (Cf. 03 e 04) e que, no caso de *andar*, culminou com seu uso como verbo auxiliar numa construção de gerúndio.

Segundo Pontes (1973), pioneira nos estudos sobre auxiliaridade no português, a classe dos verbos que mais se combinam com gerúndio é a composta pelos verbos relacionais: *estar*, *andar*, *ir*, *vir*, *ficar*, *permanecer*, *continuar* etc. Ao tratar do tema, a autora inicia uma análise do processo de auxiliaridade dessas formas e observa que “os verbos *andar*, *ir* e *vir* se distinguem dos outros – demais verbos de ligação – por serem ambíguos, indicando ou movimento ou então apenas duração” (PONTES, 1973, p. 58). Tal ambiguidade, segundo a autora, subordina-se a uma condição: “se estes verbos se combinarem com o gerúndio de outros verbos indicadores de uma ação que pode ser feita em movimento” (PONTES, 1973, p.58). E, referindo-se especificamente ao verbo *andar*, assim exemplifica:

42) João *anda* estudando.

Esta oração apresenta duas interpretações, conforme *andar* indique movimento ou aspecto ou um aspecto durativo:

42 a) João *anda* ao mesmo tempo em que estuda.

42 b) João *está* estudando ultimamente

Basta expandir a oração para que a ambigüidade desapareça (ou pelo menos, torne-se remota outra interpretação):

43) João *anda* estudando muito, ultimamente. (PONTES, 1973, p. 58).

Diante dos enunciados apresentados por Pontes (*op. cit.*), em 42 b) e em 43), é possível especular se os auxiliares *andar* e *estar* possuiriam o mesmo valor de verdade no contexto da construção, o que lhes conferiria o *status* de formas variantes e, conseqüentemente, teriam a mesma marcação aspectual na língua portuguesa, atribuindo-lhes um mesmo processo durativo:

43.a) João *anda estudando* muito, ultimamente.

43.b) João *está estudando* muito, ultimamente.

Essa possível concorrência entre as estruturas construcionais [V1*andar*+V2GERÚNDIO] e [V1*estar* +V2GERÚNDIO] para marcação do aspecto durativo na língua portuguesa é o objeto de estudo deste trabalho para cujo empreendimento embasamo-nos no quadro teórico da sociolinguística variacionista e quantitativa (Cf. WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968, numa interface com teóricos da gramaticalização (Cf. KURYLOWICZ, 1964; LEHMANN, 1982; BENVENISTE, 1989; HOPPER e TRAUGOTT, 2003 [1993]; HEINE, 1993), da Gramática de Construções (Cf. GOLDBERG, 1995; BYBEE, 2003) e com estudiosos do aspecto verbal (Cf. CASTILHO, 1968; COMRIE, 1976; TRAVAGLIA, 1985; COSTA, 2002).

Considerando-se o objeto de estudo ora estabelecido, dedicamo-nos à investigação das seguintes questões-problema: (i) *andar* e *estar*, quando integrantes da construção [V1+gerúndio], são variantes linguísticas para a marcação aspectual na língua portuguesa e, como tais, são formas concorrentes nesta língua?; (ii) Segundo Pontes (1973, p. 58), “as diferenças entre os dois verbos *andar*₁ (movimento) e *andar*₂ (durativo) se verificam nas restrições de seleção: *andar*₁ não se combina com qualquer sujeito (parece que só com nomes animados, ou, pelo menos, que não sejam estáticos) e *andar*₂ se combina com qualquer sujeito”. Tais restrições se aplicariam também às construções em estudo e ao verbo *estar*, que que tende a ser estático?; (iii) Ambas as formas verbais são variantes linguísticas quando empregadas como verbos relacionais ou, nesse contexto, codificam noções aspectuais distintas?; (iv) Há contextos específicos em que tais formas se equivalem semântica e funcionalmente, como ilustrado em 43.a. e 43.b?; (v) Caso seja constatada uma variação linguística entre os auxiliares *andar* e *estar* na marcação do aspecto durativo em construções

com o gerúndio, em que período da língua ela começou a se manifestar? É possível identificar diacronicamente qual das formas se gramaticalizou primeiro na função de auxiliar aspectual, bem como qual delas é mais produtiva nessa função?; (vi) Que fator(es) pode(m) explicar uma possível concorrência entre essas duas formas auxiliares ?

Partindo de enunciados como aqueles de 43 (a e b), bem como de outros dados do *corpus* em estudo, como os apresentados a seguir, especulamos se *andar* e *estar* seriam, em alguns contextos, formas variantes na marcação do aspecto durativo:

(05) a. “Ele **andou viajando** por estas bandas com um primo.” (*Corpus do Português*, grifo nosso).

(05) b. “Ele **esteve viajando** por estas bandas com um primo.” (comutação, grifo nosso).

Por outro lado, avaliamos que *andar* e *estar* apresentam aspectos diferentes, em alguns contextos de predicados nominais, isto é, quando empregadas como verbos relacionais, tal como ilustrado a seguir:

(06) a. “Ainda de acordo com o delegado, o suspeito **está** foragido.” (*Corpus do Português*, grifo nosso).

(06) b. “Ainda de acordo com o delegado, o suspeito **anda** foragido.” (comutação, grifo nosso).

Uma possibilidade de variação neste contexto seria, contudo, quando da expansão da oração, acrescentando-lhe uma expressão circunstancial:

(07) a. Ainda de acordo com o delegado, o suspeito **está** foragido **desde ontem** (grifo nosso).

(07) b. Ainda de acordo com o delegado, o suspeito **anda** foragido **desde ontem** (comutação, grifo nosso).

Considerando tais singularidades, testamos a hipótese de que, dado que o processo de gramaticalização implica, além de alteração semântica, restrição sintática (Cf. LEHMANN, 1982), existiriam contextos específicos de variação e estes se restringiriam à presença de uma expressão circunstancial. No que tange à nossa quarta questão de pesquisa, constatamos, a partir de uma pesquisa piloto realizada no *Corpus do Português* (<https://www.corpusdoportugues.org/>) para estabelecer o intervalo temporal de nosso estudo, que as formas *andar* e *estar* já se encontram gramaticalizadas como auxiliares marcadores de aspecto desde o século XIII. Em face disso, avaliamos que seu processo de gramaticalização é bastante antigo na língua e que, portanto, pode não ser possível identificar com precisão o período da concorrência, caso esta hipótese seja comprovada, tampouco o contexto de reanálise, embora acreditemos que a forma auxiliar provenha da forma relacional, o que configuraria uma gramaticalização do [-gramatical] para o [+gramatical].

Assim, nosso objetivo primeiro consistiu em estudar diacronicamente, no recorte temporal compreendido entre os séculos XIX e XXI, se as construções [ANDAR + GERÚNDIO] e [ESTAR + GERÚNDIO] seriam formas variantes na codificação do aspecto durativo na língua portuguesa. Nossos objetivos mais específicos se circunscreveram a (i) identificar possíveis contextos de variação e concorrência das construções aspectuais [ANDAR + GERÚNDIO] e [ESTAR + GERÚNDIO] no Português Brasileiro; (ii) descrever os contextos de restrições de seleção das construções [ANDAR + GERÚNDIO] e [ESTAR + GERÚNDIO]; (iii) verificar se existe concorrência funcional entre *andar* e *estar* quando empregados como verbos relacionais no *corpus*; (iv) conhecer e descrever possíveis fatores responsáveis por explicar uma eventual concorrência entre *andar* e *estar* no processo de auxiliarização com o gerúndio na marcação do aspecto durativo e; (v) verificar, no recorte sincrônico determinado para o estudo, qual das construções é mais produtiva no PB, tentando identificar, se tal recorte assim nos permitir, o período em que o processo de variação entre as formas teve início.

Apesar de semanticamente *andar* e *estar* serem formas verbais quase antônimas, considerando-se que aquele é verbo de movimento e apresenta uma situação dinâmica e este tem caráter estático, diante das questões apresentadas, percebe-se que podem existir características comuns a esses verbos, quando combinados com gerúndio, o que impõe ao linguista a necessidade de explicar o fato de formas lexicais tão distintas assumirem, em alguns contextos, a mesma função gramatical, o que justifica, portanto, nosso investimento no tema. Pela perspectiva sociolinguística de Tarallo (1982, p. 8), “duas (ou mais) maneiras de se

dizer a mesma coisa (doravante chamadas variantes linguísticas) se enfrentam em um duelo de contemporização”. Nesse viés, claro está que possíveis contextos de variação entre *andar* e *estar* merecem ser identificados, analisados e descritos. Ademais, entender de que ordem (etimológica, cognitiva, construcional...) são os fatores que atuam nesse fenômeno de mudança, viabilizando, assim, que formas lexicais distintas passem a desempenhar funções semelhantes, quando gramaticalizadas, é, sem dúvida, muito relevante para os estudos linguísticos. Desse modo, esta pesquisa traz potenciais contribuições tanto para a descrição da categoria aspectual da língua portuguesa, quanto para os estudos de gramaticalização, de auxiliaridade e de sociolinguística. Acrescente-se a isso o diálogo com a teoria da gramática de construção, que será necessária para a melhor compreensão e descrição do fenômeno selecionado para o estudo. Avaliamos, por fim, que os resultados obtidos com a análise dessas duas construções podem subsidiar a interpretação de outras construções semelhantes.

O percurso de nossa pesquisa, bem como os resultados alcançados estão relatados nesta dissertação cujo primeiro capítulo, conforme já antecipado, se dedica ao estabelecimento dos fundamentos teóricos que sustentaram nossa análise. No capítulo segundo, dedicamo-nos à descrição da categoria aspectual, considerando tanto sua interface com a categoria de tempo, quanto buscando situar as construções de que nos ocupamos no quadro aspectual do português. No terceiro capítulo, descrevemos a metodologia adotada em nossa pesquisa, incluindo os critérios de constituição do *corpus* e a justificativa de nossas escolhas metodológicas. No quarto e último capítulo, passamos à apresentação e discussão dos resultados obtidos com a análise dos dados dos três séculos estudados, os quais são sistematizados e avaliados nas considerações finais.

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, serão apresentados os fundamentos teóricos da linguística variacionista, do fenômeno da gramaticalização e da auxiliarização verbal no Português Brasileiro (PB) à luz da gramática de construções. O objetivo deste capítulo é, pois, estabelecer os conceitos teóricos que fundamentaram o trabalho.

1.1 Da variação e mudança linguística à gramaticalização

A Teoria da Variação e Mudança Linguística, ou também Sociolinguística Quantitativa ou Laboviana, proposta por Uriel Weinrich, William Labov e Marvin Herzog (1968), fundamenta-se no pressuposto de que as línguas, como fatos sociais, sofrerão variação linguística e estão, portanto, sujeitas a mudanças. Nesse sentido, a língua é vista pelos sociolinguístas como dotada de “heterogeneidade sistemática”, fator importante na identificação de grupos e na demarcação de diferenças sociais na comunidade. O domínio de estruturas heterogêneas é, assim, parte da competência linguística dos indivíduos. Desse modo, a ausência de heterogeneidade estruturada na língua seria tida como disfuncional (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, p.101¹).

No período em que a Sociolinguística foi gestada, trabalhava-se a variação apenas no campo da fonologia, porém Labov ampliou esse escopo e conduziu um estudo de variação no campo da sintaxe com construções passivas. Contrariamente ao atestado para as variáveis fonológicas, que acusavam forte correlação entre estratificação social do falante e seus usos linguísticos, o autor verificou que a escolha por uma das variantes sintáticas estudadas era motivada por um fator interno da língua e não por um fator social, já que todos os grupos sociais tratavam a alternância ativa/passiva do mesmo modo. Esses fatores, também denominados condicionadores, seriam os responsáveis por condicionar a escolha do usuário

¹ The solution, we will argue, lies in the direction of breaking down the identification of structuredness with homogeneity. The key to a rational conception of language change • indeed, of language itself- is the possibility of describing orderly • differentiation in a language serving a community. We will argue that native like command of heterogeneous structures is not a matter of multicialectalism or "mere" performance but is part of unilingual: linguistic competence. One of the corollaries of our approach is that in a language serving a complex community, it is absence of structured heterogeneity that would be dysfunctional.

da língua entre uma ou outra variante. A relevância de tais descobertas reside no fato de que, a partir da identificação desses fatores, um estudioso da língua consegue delimitar quais são os contextos mais propícios para a ocorrência das variantes em estudo. Desenvolvendo a proposta dos fatores internos abordada por Labov (1972), também denominado condicionadores linguísticos, Coelho, Görski, Souza e May (2015) explicam que estes são identificados, por exemplo, pela ordem dos constituintes em uma sentença, pela classe das palavras envolvidas no fenômeno de variação e pelos aspectos semânticos. No caso dos fatores externos, ou extralinguístico, de natureza social, teríamos o sexo/gênero, o grau de escolaridade, a faixa etária, entre outros.

Labov (1972), em sua obra clássica, discute sobre esses dois grupos de condicionadores, alertando para a necessidade de se considerar que a variação e a mudança linguística são condicionadas tanto por fatores de ordem interna quanto por fatores sociais:

Mesmo que os fatores sociais alterem a fonética e o vocabulário de uma língua, e possivelmente também os formativos superficiais, ainda poderíamos alegar que a mudança linguística em regras de nível mais alto é um mero reajuste interno, nem sequer remotamente vinculado ao contexto social imediato (LABOV, 2008 [1972], p. 314).

Em 1977, a linguista Beatriz Lavandera polemiza o trabalho de Willian Labov, com a entrega de seu artigo "Where does the sociolinguistic variable stop?" apresentado ao Linguistic Society meeting em dezembro daquele ano. A autora questionou a ampliação dos estudos variacionista para além do nível fonológico, alegando que, quando não se restringe a esse nível, cada forma possui um significado e bloqueia a variação. Vê-se, pois, que a polêmica entre os dois linguistas dialoga muito estritamente com nosso objeto de estudo, porque coloca em xeque a legitimidade da equivalência semântica entre duas variantes sintáticas. De acordo com Camacho (2010), na visão de Lavandera (1978),

a noção de equivalência semântica implicaria uma redução muito drástica da noção de significado referencial, se a sociolinguística insistisse em manter o princípio de que duas formas alternativas são variantes se representarem o mesmo significado no mesmo contexto de ocorrência. Em vez de operar com essa concepção extremamente limitada de significado, Lavandera (1978) propõe substituir o conceito de equivalência semântica pelo de comparabilidade funcional (CAMACHO, 2010, s.p.)

Em resposta à crítica, Labov argumentou que,

embora a linguística formal reconheça a existência de informações expressivas e afetivas, estas estão na prática subordinadas ao que Bühler (1934) chamou de "significado representacional" ou o que chamarei de "estados de coisas". Para ser mais preciso, gostaria de dizer que dois enunciados, que se referem a um mesmo estado de coisas, têm o mesmo valor de verdade e seguem Weinreich ao limitar o uso de "significado" a esse sentido. O postulado fundamental da linguística de Bloomfield (1926) – essencialmente que alguns enunciados são parcialmente semelhantes em forma e significado – refere-se a este sentido condicional de verdade de "semelhante" ou "igual". **A abordagem sociolinguística segue de perto esta linha de pensamento.** Em vez de estender o significado, como Lavandera, queremos limitá-lo de forma muito mais restrita do que o faria um linguista formal (LABOV, 1978, tradução nossa²).

Do debate ora referenciado, estabelece-se o conceito tradicional de variante linguística, que Tarallo (1982) também utiliza para se referir às diferentes formas de expressar uma mesma ideia em contextos com o mesmo valor representacional. Nesse sentido, entendemos que poderão ser formas variantes todas aquelas usadas com um mesmo propósito, independentemente de obedecerem ou não à norma padrão da língua. A “um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística” TARALLO (1986, p. 08).

Essas variáveis subdividem-se em variáveis linguísticas dependentes e independentes. A variável dependente corresponde ao fenômeno ou fato estudado: “no português falado do Brasil, a marcação de plural no sintagma nominal [...] encontra-se em estado de variação³. Tem-se aqui um exemplo de variável linguística: a marcação do plural no SN” (TARALLO, 1986, p. 8). As variáveis independentes, por seu turno, são os condicionadores, ou seja, fatores que influenciam, que afetam ou que determinam o fenômeno estudado. No caso da variação linguística, conforme já mencionado, o uso de uma ou de outra variante é influenciado tanto por fatores estruturais (variáveis linguísticas), quanto por fatores sociais (variáveis extralinguísticas). Do ponto de vista da metodologia quantitativa proposta por Labov (1972), o controle refinado da frequência das formas variantes correlacionado à análise

² Though formal linguistics recognizes the existence of expressive and affective information, these are in practice subordinated to what Bühler (1934) called "representational meaning" or what I will call "states of affairs." To be more precise, I would like to say that two utterances that refer to the same state of affairs have the same truth-value and follow Weinreich in limiting the use of "meaning" to this sense. Bloomfield's (1926) fundamental postulate of linguistics – essentially that some utterances are partially alike in form and meaning-refers to this truth-conditional sense of "alike" or "same". The sociolinguistic approach hews closely to this line of thinking. Instead of extending meaning as Lavandera suggests, we want to limit it much more narrowly than a formal linguist will do (LABOV, 1978, p. 7).

³ Uma variante, denominada padrão, marca a presença do segmento fônico do plural e a segunda, não-padrão, é marcada pela ausência desse mesmo segmento.

dos condicionadores linguísticos e extralinguísticos selecionados permite ao linguista traçar um quadro respaldado por resultados quantitativos precisos sobre quais os condicionadores favorecem ou desfavorecem a ocorrência das formas que concorrem para a expressão da variável estudada (COELHO; GÖRSKI; SOUZA; MAY, 2015).

No âmbito desse quadro teórico-metodológico de estudo da mudança linguística, é célebre a máxima de que “nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança lingüística, no entanto, pressupõe variação. Variação, portanto, não implica mudança; mudança, sim, implica sempre variação” (TARALLO, 1986 [2007], p. 63). Há, contudo, que se considerar que,

enquanto a variação linguística é de natureza sincrônica e constitui objeto de estudo da Sociolinguística, a mudança linguística envolve mudanças e transformações que ocorrem diacronicamente, constituindo, portanto, objeto de estudo da Linguística Histórica. Entretanto, dada a estrita relação atribuída à variação e à mudança linguística no quadro teórico da Sociolinguística, sobretudo a partir dos estudos pioneiros de Labov na década de 1960, muitos pesquisadores passaram a conceber a mudança linguística apenas como o resultado de um processo de variação e de concorrência de formas denominadas de variantes linguísticas (COELHO, 2018, p. 5).

Nesse contexto de definições, a autora (*op. cit.*) apresenta um breve relato sobre o fenômeno da *gramaticalização*, termo cunhado por Antoine Meillet para se referir a “um processo de transformação de formas lexicais em formas gramaticais ou, ainda, [...] a gradação de gramaticalidade de uma forma”. Na reconstrução desse histórico, Coelho (2018, p. 5) observa que a gramaticalização não era ainda reconhecida como um processo de mudança linguística.

Essa compreensão limitada apoiava-se no entendimento de que o processo de gramaticalização – ao contrário daqueles processos de mudança estudados sob o escopo do quadro teórico sociolinguístico – não envolve concorrência entre as formas lexicais e as gramaticais, tampouco entre as formas mais ou menos gramaticais (COELHO, 2018, p. 5).

Todavia, com a continuidade e o desenvolvimento dos estudos, a gramaticalização passou a ser devidamente reconhecida como um processo de mudança linguística que não decorre de variação, atestando que a máxima de que toda mudança pressupõe variação é controversa. Isso porque, ao observar fases diferentes de uma língua, é possível captar estágios de uma forma funcionando exclusivamente como um item de natureza lexical e, posteriormente, estágios em que tal forma passa a funcionar também como um item de natureza gramatical,

sem que isso implique o desaparecimento da forma lexical. A partir disso, Vitral, Viegas e Oliveira (2010) defendem que as mudanças abarcadas sob o rótulo de processos de gramaticalização são de natureza diferente daquelas de que se ocupa a Teoria da Variação e Mudança. Isso posto, os autores (*op. cit.*) justificam sua tese com base em dois princípios de gramaticalização postulados por Hopper (1991): o princípio da Estratificação e o princípio da Divergência.

[...] no caso da Divergência, há coexistência do item gramatical e do item lexical que serviu de fonte para o processo de gramaticalização; e, no caso da Estratificação, há coexistência do item gramatical gerado pelo processo de gramaticalização e de outro item gramatical que desempenha a mesma função. É possível, assim, considerar que, em relação à Estratificação, haja fenômenos de variação estável no sentido laboviano que, como se admite, podem persistir por tempo indeterminado ou, a partir de um certo momento, começar a se desenvolver na direção de eliminar uma das formas equivalentes. Para os casos previstos pela Divergência, não há qualquer possibilidade desse (*sic.*) tipo de processo ser descrito por meio da metodologia variacionista, já que se trata de formas com valores de verdade diferentes (VITRAL; VIEGAS; OLIVEIRA, 2010, p.206).

Considerando-se que nosso objeto de estudo se volta para a análise de uma possível concorrência entre duas construções já gramaticalizadas, discorreremos brevemente, na próxima seção, sobre a mudança linguística decorrente da gramaticalização.

1.2 A mudança linguística por gramaticalização

Apresentado primeiramente pelo linguista francês Antoine Meillet (1912), o termo *gramaticalização* foi utilizado para designar especificamente a busca das origens e das mudanças que envolviam morfemas gramaticais. “A gramaticalização proposta por Meillet (1912), envolve essencialmente a passagem [léxico] > [gramática], com o lado gramatical comportando a sequência interna [sintaxe] > [morfologia]” (GONÇALVES et al., 2007, p. 22).

Meillet (1912) distinguia três classes de palavras, entre as quais era possível perceber uma certa gradualidade: as principais (nomes, adjetivos, verbos e complementos circunstanciais), as acessórias e as gramaticais (preposições, conjunções e auxiliares). Para ilustrar essa sua classificação, Meillet valeu-se dos diferentes usos do verbo *être* do francês: **como palavra principal** (verbo: estar + adjunto de lugar), **como palavra acessória** (verbo de ligação: ser + adjetivo) e **como palavra gramatical** (verbo auxiliar: estar + verbo) (GONÇALVES et al., 2007, p. 21, grifo nosso).

Outro autor importante para os estudos de gramaticalização é Kurylowicz (1964), que avança em relação a Meillet (1912), concebendo o processo como o resultado de uma mudança de categoria. “A gramaticalização consiste no aumento do alcance de um morfema que avança de um status lexical para um gramatical ou de um status menos gramatical para um mais gramatical, por exemplo, de uma forma derivada para uma flexional” (KURYŁOWICZ, 1975[1965], p. 52, tradução nossa⁴).

Com o avançar dos estudos sobre a gramaticalização, os conceitos foram sendo refinados. Hopper e Traugott (1993, p. 19) conceituam o termo no âmbito de estruturas presentes no discurso, que, ao serem convencionalizadas, acabam por se gramaticalizarem. Assim, esses autores consideram a gramaticalização como “a parte do estudo da mudança linguística que se preocupa com questões como o léxico e **construções**⁵ que vêm em certos contextos linguísticos para servir a funções gramaticais ou como os sistemas gramaticais desenvolvem novas funções gramaticais” (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 19, tradução nossa, grifo nosso⁶).

Segundo os autores (*op. cit.*), “as palavras gramaticais têm suas origens em palavras de conteúdo. Quando uma palavra de conteúdo assume as características gramaticais de uma palavra de função, diz-se que a forma é gramaticalizada” (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 22, tradução nossa⁷).

Para Lehmann (2002 [1982], p. 10-11), a gramaticalização é um processo que pode não apenas transformar um item léxico em gramatical, mas também pode deslocar um item de um estado menos gramatical para um estado mais gramatical, tal como proposto por Kurylowicz

⁴ Grammaticalization consists in the increase of the range of a morpheme advancing from a lexical to a grammatical or from a less grammatical to a more grammatical status, e.g. from a derivative formant to an inflectional one (KURYŁOWICZ, 1975[1965], p. 52).

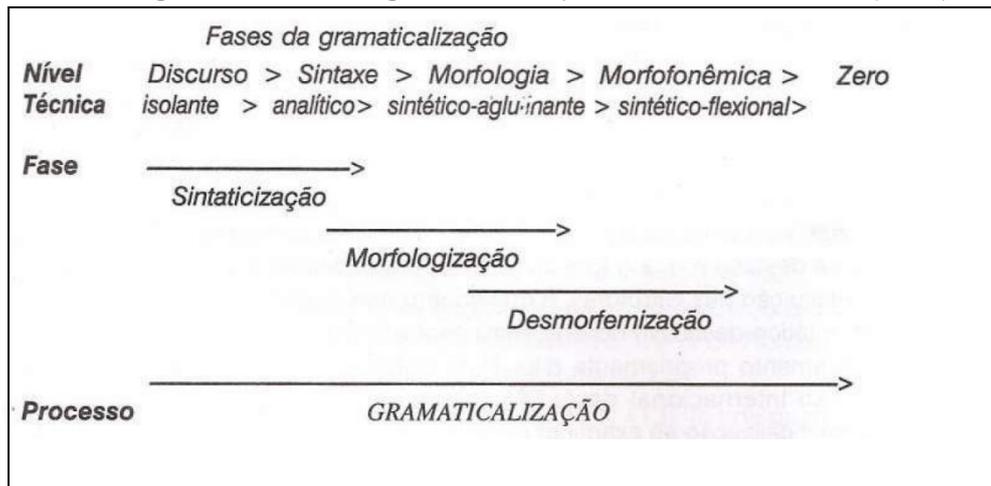
⁵ Desde Heine (1993), assume-se que não é a forma/item lexical em particular que se gramaticaliza, mas que toda a construção em que a forma/item lexical ocorre se torna gramatical. Assim, o mais adequado contemporaneamente é tratar da gramaticalização não da forma lexical, mas da forma/construção.

⁶ That part of the study of language change that is concerned with such questions as how lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions or how grammatical items develop new grammatical functions (HOPPER e TRAUGOTT, 2003 [1993], p. 19).

⁷ Frequently it can be shown that function words have their origins in content words. When a content word assumes the grammatical characteristics of a function word, the form is said to be "grammaticalized (HOPPER e TRAUGOTT, 2003 [1993], p. 22).

(1964). Isso implica que “a gramaticalização é um processo de mudança gradual e que seus produtos podem ter diferentes graus de gramaticalidade⁸” (LEHMANN, 2002 [1982], p. 11). O entendimento de gramaticalização utilizado pelo linguista Ataliba Castilho (1997, p.31) faz referência aos ensinamentos de Lehmann (2002 [1982]), cujos estágios do processo são ilustrados pelo autor na Figura 1:

Figura 1 – Fases da gramaticalização de Ataliba Castilho (1997)



Fonte: CASTILHO, 1997, p.32.

Em sua concepção do fenômeno, a gramaticalização pode ser entendida como o

trajeto empreendido por um item lexical, ao longo do qual ele muda de categoria sintática (=recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas, deixa de ser uma forma livre, estágio em que pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema. Esse trajeto se dá tanto no tempo real quanto no tempo aparente. Num sentido mais amplo, a gramaticalização é a codificação de categorias cognitivas em formas linguísticas, aí incluídas a percepção do mundo pelas diferentes culturas, o processamento da informação, etc. (CASTILHO, 1997, p.31.).

No que tange à categorização cognitiva referida por Castilho (*op. cit.*), Coelho (2006) afirma que um item, ao se gramaticalizar, passa por um processo de abstração que compreende dois estágios: um nocional e outro gramatical. Assim, na trajetória do léxico para a gramática, o item que antes possuía um conteúdo nocional, ao adquirir características gramaticais, em virtude das coerções que essa mudança impõe, torna-se menos referencial e mais funcional,

⁸ I therefore see no way to avoid the conclusion that grammaticalization is a process of gradual change, and that its products may have different degrees of grammaticality (LEHMANN, 2002, p. 11).

uma vez que perde referentes extralinguísticos para adquirir significados pragmáticos ou gramaticais. Esse processo compreende duas operações cognitivas, quais sejam, (i) *metáfora*, responsável pelo surgimento de uma categoria gramatical (domínio mais abstrato) a partir de uma categoria lexical (domínio mais concreto); e (ii) *metonímia*, reanálise induzida pelo contexto/construção.

Conforme Martelotta *et al.* (1996, p. 54), “a metáfora constitui um processo unidirecional de abstratização crescente, pelo qual conceitos que estão próximos da experiência humana são utilizados para expressar aquilo que é mais abstrato e, conseqüentemente, mais difícil de ser definido.” Já a metonímia, consoante Gonçalves *et al.* (2007), diz respeito aos processos de mudança por contigüidade, no sentido de que são gerados no contexto sintático.

A metonímia, em gramaticalização remete também a um tipo de inferência pragmática, uma "associação conceptual" fundamentada no mundo discursivo, ou uma transferência semântica licenciada por contigüidade. É uma espécie de permuta que decorre do uso de uma palavra em uma frase na qual uma ideia, de alguma maneira ligada ao significado da palavra em questão, é passível de formar um elemento do contexto. A mudança de significado por associação metonímica resulta de um raciocínio "abduativo", por meio do qual o falante observa determinado resultado no discurso, invoca uma lei (da linguagem) e infere que, a um uso posterior, pode ser aplicada essa mesma lei. A abdução tem sido reconhecida como a base da percepção humana e como o tipo de raciocínio que pode fazer gerar novas idéias. É o que acontece, por exemplo, na contigüidade de conceitos existentes em construção como verbo ir, em uma frase do tipo João vai comprar um carro, a qual cabe tanto uma leitura de movimento (Aonde João vai?) quanto uma leitura de futuridade (O que João vai fazer?). Contextos como esses permitem que, em momentos posteriores, somente a leitura de futuridade esteja disponível, como em O prédio vai cair, deixando de lado a leitura de movimento, que exige um sujeito animado que se move (Aonde o prédio vai?) (GONÇALVES *et al.*, 2007, p.47-48).

Vê-se, pois, que, enquanto a metáfora relaciona-se à extensão de usos, a metonímia é um mecanismo relacionado à extensão de categorias contíguas num contexto sintático determinado. Tal extensão baseia-se no princípio da reanálise, ou seja, em uma “mudança na estrutura de uma expressão ou classe de expressões que não envolve qualquer modificação imediata ou intrínseca de sua manifestação superficial” (LANGACKER, 1977 *apud* HOPPER E TRAUGOTT, 2003 [1993], p. 40, tradução nossa⁹). Essa reanálise induzida pelo contexto da construção é o que ocorre com verbos lexicais ou relacionais que são recategorizados como

⁹ [...] change in the structure of an expression or class of expressions that does not involve any immediate or intrinsic modification of its surface manifestation (LANGACKER, 1977 *apud* HOPPER e TRAUGOTT, 2003, p. 40).

auxiliares, para marcar categorias verbais na língua, fenômeno chamado de auxiliarização e que está no cerne de nosso objeto de estudo. Por isso, passaremos ao seu entendimento na próxima seção.

1.3 Auxiliarização

Discutido o conceito de gramaticalização na subseção anterior, trataremos aqui da auxiliarização, que resulta de um processo de gramaticalização. Iniciemos, pois, essa tarefa pelo trabalho clássico de Benveniste (1989), que concebe a *auxiliação* como uma mudança categorial que envolve a transformação de palavras lexicais em palavras gramaticais, ou seja, como o resultado de um processo de gramaticalização, em sentido *stricto*. Na visão do autor, o processo da *auxiliação* “consiste na função sintagmática de uma forma auxiliante e de uma forma auxiliada, ou mais sucintamente, de um auxiliante e *um auxiliado*” (*op. cit.*, p. 183).

Heine¹⁰ (1993), que também se dedicou ao estudo sobre a gramaticalização de verbos plenos em auxiliares, sustenta que um dos indícios da mudança de categoria verbal é a possibilidade de o verbo combinar-se numa perífrase, adquirindo um valor gramatical. Nesse perspectiva, ele amplia a concepção de Benveniste (1989), ao propor que o que se gramaticaliza não é uma palavra de conteúdo variável, mas uma construção inteira, como no caso das construções de verbo auxiliar de que nos ocupamos nesta pesquisa. O processo de auxiliarização envolve, assim, uma mudança morfossintática “por meio da qual uma construção lexical se desenvolve numa construção gramatical e cuja mudança morfossintática apresenta implicações para o desenvolvimento dessa nova construção gramatical” (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 118).

Givón (2001), trilhando o conceito de gramaticalização proposto por Kurylowicz (1964), defende a tese de que formas gramaticais podem originar formas mais gramaticais ainda. Sobre a trajetória de gramaticalização, o autor (*op. cit.*) afirma que verbos auxiliares podem ser entendidos como representando um estágio morfossintático transitório diacronicamente, um estágio que preenche a lacuna entre os verbos principais, que selecionam argumentos, e os afixos de tempo e de modo e as nuances de aspecto. Essa visão também é consoante com o

¹⁰ Once the development from a lexical/verbal to a grammatical concept of tense, aspect, or modality has been concluded, we enter a new phase of conceptual development, viz. one that leads from one grammatical function to other kinds of grammatical function. As in essentially all instances of grammaticalization, this development is unidirectional and therefore predictable within limits (Heine, 1993, p. 67).

conceito de gramaticalização proposto por Traugott (2003, p. 645): “processo por meio do qual ao material lexical, em contextos pragmáticos e morfossintáticos altamente restritos, é atribuída uma função gramatical, e, se já gramatical, é atribuída uma função mais gramatical ainda, como a de um operador¹¹.”

Entendimento semelhante têm Vitral e Coelho (2010), para quem

os verbos auxiliares da língua portuguesa resultam de um processo de gramaticalização em cuja origem há um verbo de natureza lexical que, ao longo de seu percurso diacrônico, foi destituindo-se de sua função referencial para assumir funções gramaticais próprias de seu estatuto de auxiliar (VITRAL; COELHO, 2010, p.75).

Entende-se aqui que um item que antes se realizava apenas como um verbo pleno, passa a ocorrer também como um item pertencente a uma categoria funcional. Os autores (*op. cit.*), comparam diacronicamente o que ocorre no processo de gramaticalização dos verbos auxiliares com o processo dos verbos relacionais, alegando não seguirem o mesmo percurso.

O processo de auxiliarização envolvendo verbos relacionais não resulta da tramitação de um item pertencente a uma categoria lexical para uma categoria gramatical, mas do deslocamento de um item já gramatical que se move de um estágio menos gramatical para um estágio mais gramatical [...] se os verbos relacionais, que passam a integrar as perífrases verbais, são estágios mais gramaticalizados, então, deve-se admitir que verbos que servem de fonte para o processo de auxiliariade não são formas lexicais, mas funcionais e, portanto, gramaticalizadas (VITRAL; COELHO, 2010, p.76).

Os autores concebem ainda a auxiliarização como um tipo específico de mudança pelo fato de, conforme discutido na seção 1.2, a gramaticalização não envolver a concorrência entre formas de modo que uma venha a substituir a outra. “Em se tratando de verbos auxiliares, tanto a forma lexical quanto a gramatical continuam a existir na língua, embora com estatutos diferentes” (VITRAL; COELHO, 2010, p.80).

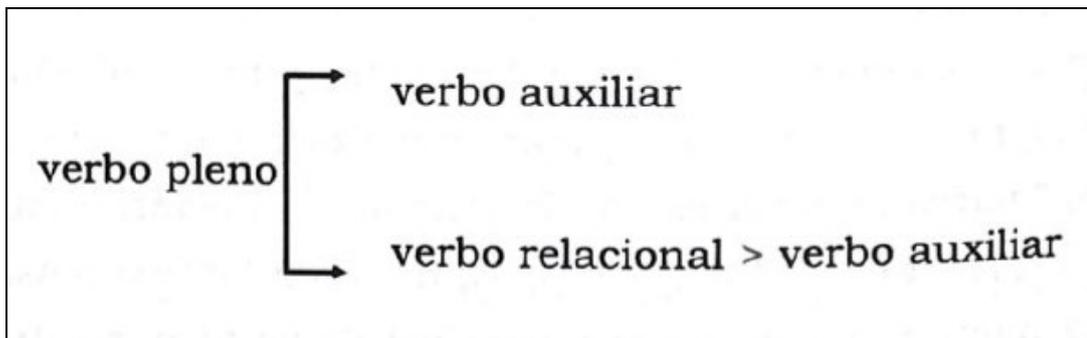
Buscando traçar um *continuum* de gramaticalização dos auxiliares, os autores propõem,

¹¹ The process whereby lexical material in highly constrained pragmatic and morphosyntactic contexts is assigned grammatical function, and once grammatical, is assigned increasingly grammatical, operator-like function. TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Constructions in Grammaticalization*. In: AND, Brian D. Joseph; JANDA, Richard D. (ed.). **The Handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell Publishing, 2003. Cap. 20. p. 624-647.

además, que essa categoria não tem uma fonte única na língua. Segundo ilustrado na Figura 2, abaixo reproduzida,

verbos relacionais não são itens lexicais, mas já são um primeiro estágio da gramaticalização de uma forma verbal em auxiliar, sendo, pois, itens gramaticais. Podemos, então, apresentar, de forma esquemática, o que aqui estamos propondo em relação ao percurso de gramaticalização de um verbo pleno em verbo auxiliar (VITRAL; COELHO, 2010, p.90).

Figura 2 – Percurso de gramaticalização de um verbo pleno em verbo auxiliar



Fonte: COELHO; VITRAL, 2010, p. 90.

O processo de auxiliarização apresentado prevê a existência de dois possíveis percursos de gramaticalização, sendo o primeiro deles aquele em que uma forma lexical (verbo pleno) é recategorizada em forma gramatical (verbo auxiliar ou verbo relacional). O segundo percurso se dá quando uma categoria menos gramatical no *continuum* é recategorizada numa mais gramatical, isto é, quando um verbo relacional, em um contexto sintático específico, é reanalisado em verbo auxiliar.

O percurso proposto pelos autores defende que

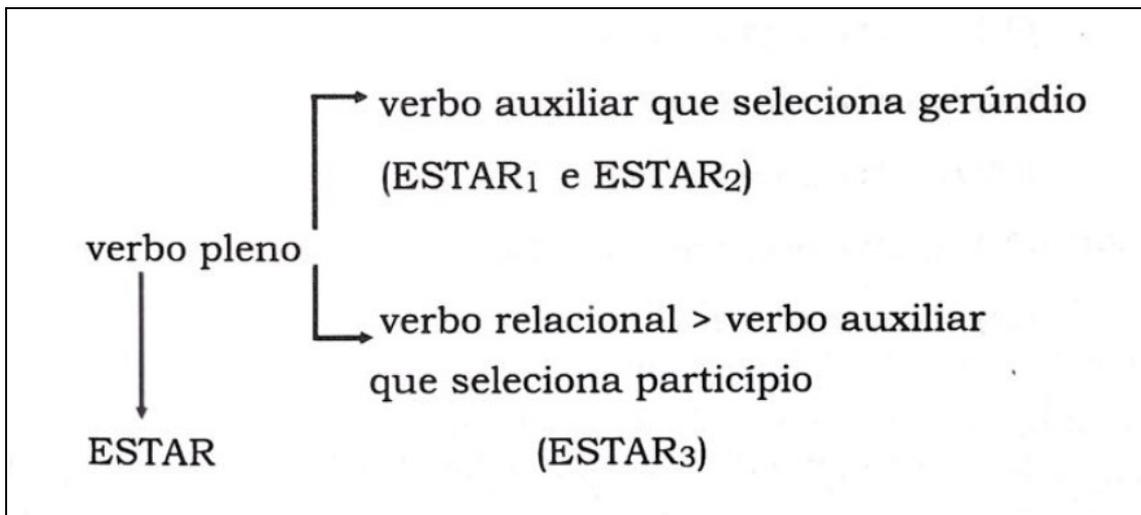
os verbos relacionais ocupam uma posição intermediária no processo de auxiliarização, sendo itens mais gramaticais e, portanto, mais abstratos que os verbos plenos, por não possuírem a sua capacidade de referenciação, mas são também menos gramaticais e, portanto, mais concretos que os auxiliares, por possuírem a **capacidade de exprimir o aspecto verbal**, propriedade que lhe é facultada por um resqúcio semântico de sua antiga capacidade de referenciação como verbo pleno (VITRAL; COELHO, 2010, p. 95, grifo nosso).

Tenuta e Coelho (2018) analisaram o processo de gramaticalização de verbos de movimento em auxiliares aspectuais, entre os quais encontra-se a construção [V1ANDAR + V2GERÚNDIO]. Essas autoras (*op. cit.*, 2018, p. 146) apontam para “uma idiosincrasia do verbo *andar*” em

relação aos demais verbos de movimento estudados justificada “tanto pela fonte de auxiliarização da forma, quanto por questões cognitivas ligadas a seus esquemas corpóreos.” Segundo defendem, a fonte do auxiliar *andar* na construção aspectual não seria o verbo lexical, mas o verbo relacional “esvaziado semanticamente de uma possível noção de movimento concreto, dado tratar-se de um verbo gramatical”.

Trilhando a mesma linha de entendimento das autoras, retomamos Coelho e Vitral (2010), que ilustram (Cf. Figura 3) a hipótese segundo a qual o verbo *estar* que se combina com o gerúndio não seria o mesmo *estar* que se combina com o particípio, apresentando, portanto, mais de um étimo. Os autores (*op. cit.*) acreditam que *estar*³¹², auxiliar das construções passivas com particípio, tem natureza relacional; por outro lado, *estar*₁ e *estar*₂, cujos sentidos são nocionais, selecionam argumentos agentes e locativos e se gramaticalizaram como auxiliares em construções com gerúndio, que não se prestam à expressão da voz.

Figura 3 – Entradas lexicais distintas do verbo *estar*.



Fonte: COELHO; VITRAL, 2010, p. 93.

Em trabalho mais recente, Vitral e Coelho (2019) propõem que a função aspectual é marcada prioritariamente no português pela categoria sintática AUX. Na visão desses autores,

¹² Os três sentidos do verbo *estar* foram extraídos de POUNTAIN, 1982, p. 144): “In Classical Latin, the semantic range of STARE is fairly circumscribed; three full meaning can be established [...] ‘*stand*₁’ (with animate subject, opposed to ‘sit’), ‘*stand*₂’ (with inanimate subject, in the general sense of ‘be situated’) and ‘*stay*’”.

a auxiliarização é um expediente necessário para traduzir noções aspectuais não expressas pelas formas verbais simples, como também que não existe uma correspondência entre tais formas e aquelas perifrásticas em termos de marcação aspectual, além do que a pontualidade não é expressa perifrásticamente. [...] Consideraremos, então, que, nas formas simples, como as do pretérito, as noções de aspecto se apresentam, cumulativamente, junto à flexão verbal, ao passo que, **nas formas compostas, a expressão do aspecto se faz mediante a presença do auxiliar e dos morfemas que marcam as formas nominais dos verbos; à parte, portanto, da flexão verbal** (VITRAL; COELHO, 2019 p. 9-10, grifo nosso).

Em face da análise de dados empreendida, eles propõem que

o verbo auxiliar é um importante, senão o principal, instrumento gramatical que permite ao falante precisar as diversas nuances da dinâmica do processo verbal, isto é, suas fases e/ou sua duração. Se as formas verbais simples mostram-se suficientes para traduzir, por meio de morfemas de modo e de tempo, a (in)completude de um evento, é, entretanto, por meio de recursos morfossintáticos decorrentes da auxiliarização que se torna possível traduzir com mais singularidade suas fases (VITRAL; COELHO, 2019, p. 15, grifo nosso).

Por fim, considerando-se que, conforme Hopper e Traugott (2003 [1993]), a gramaticalização não atinge apenas uma palavra ou morfema, mas toda a construção formada pelas relações sintagmáticas dos elementos que a compõem, estamos assumindo que nosso objeto de estudo são construções aspectuais. Nesse sentido, antes de encerrarmos este capítulo em que apresentamos a fundamentação teórica que nos serviu de base, cabe alguma consideração acerca do conceito de *construção*, oriundo da Gramática de Construções (GC).

1.4 Gramática de construções

Sob a ótica da Sintaxe Construcionista, cada enunciado concreto é o resultado da combinação entre diferentes construções gramaticais. Goldberg (1995), uma das autoras mais representativas da Gramática de Construções, inicia sua obra seminal sobre o tema, propondo-se a responder a três questionamentos¹³: “O que as crianças aprendem quando aprendem a falar uma língua? **Qual é a natureza do significado do verbo e qual é sua relação com o significado sentencial?** Como e em que medida os novos enunciados são baseados em enunciados previamente aprendidos?” (GOLDBERG, 1995, p. 14, grifo nosso). O segundo

¹³ What is it children learn when they learn to speak a language? What is the nature of verb meaning and what is its relation to sentential meaning? How and to what extent are novel utterances based on previously learned utterances?

questionamento levantado pela autora (*op. cit.*) justifica nossa escolha pela GC para tratar a categoria aspectual abordada no próximo capítulo.

Segundo Goldberg (1995), uma construção pode ser vista como uma associação entre forma e significado que existe independentemente dos itens lexicais que a compõem, tal como se demonstra à luz dos seguintes dados extraídos de nosso *corpus*:

(01) “[...] só sacudindo a cabeça, como quem dizia que era mesmo como o general **estava lendo** no escrito” (Século XX, grifo nosso).

(02) “Pois acontece - continuou vovó - que quando Beto nasceu o pai **andava lendo** as histórias dum certo rei francês, dos tempos de antanho” (Século XX, grifo nosso).

A análise dos dados acima corrobora a tese de que o valor aspectual das construções destacadas emerge do conjunto e não decorre da soma dos valores lexicais das formas que a compõem. A noção de duração do evento de *ler* não advém da semântica dos verbos *andar* e *estar*, que se gramaticalizaram como auxiliares no contexto, esvaziando-se, assim, de seus antigos conteúdos nocionais.

Trabalhos mais recentes têm atentado para a relevância da aproximação dos estudos de gramaticalização e de GC, uma vez que se compreende que as reflexões a respeito do desenvolvimento e do funcionamento das construções suscitadas nas análises construcionistas são também relevantes para o estudo dos fenômenos de gramaticalização. Joan Bybee (2003) defende que novas funções gramaticais emergem em contextos delimitados e específicos ou em construções. Segundo argumenta,

não é suficiente definir gramaticalização como o processo pelo qual um item lexical torna-se morfema gramatical, mas, ao contrário, é importante dizer que esse processo ocorre em contexto de uma construção particular [...]. De fato, parece mais adequado dizer que é uma construção com seus itens lexicais particulares que se torna gramaticalizada do que dizer que é o item lexical que se gramaticaliza (BYBEE, 2003, p. 602, tradução nossa¹⁴).

¹⁴ [...] it is not enough to define grammaticization as the process by which a lexical item becomes a grammatical morpheme, but rather it is important to say that this process occurs in the context of a particular construction [...] In fact, it may be more accurate to say that a construction with particular lexical items in it becomes grammaticized, instead of saying that a lexical item becomes grammaticized (BYBEE, 2003, p. 602).

Assim, em conformidade com essa perspectiva, [V1*andar*+V2GERÚNDIO] e [V1*estar*+V2GERÚNDIO] são considerados nesta pesquisa conjuntos de forma e significado e, portanto, construções que são, segundo Goldberg (1995), entidades teóricas essenciais para a descrição da língua.

Estabelecido o referencial teórico que sustentará nossa análise, passamos, no capítulo seguinte, à descrição da categoria gramatical expressa por nossas construções, qual seja, o aspecto verbal.

CAPÍTULO 2

A CATEGORIA ASPECTO

Considerando-se que estamos trabalhando com um processo de gramaticalização para marcação aspectual, neste capítulo resenhamos alguns autores clássicos na tentativa de descrever a categoria aspectual. Pautamo-nos, para tanto, nos trabalhos de Castilho (1968), de Comrie (1976), de Travaglia (1985) e de Costa (2002), considerando sobretudo que o Português Brasileiro, assim como as demais línguas românicas, não dispõe de morfologia própria para marcar aspecto, valendo-se, para isso, de expediente sintático, por meio de verbos auxiliares, que decorrem de um processo de gramaticalização.

Como já discutimos no capítulo anterior, a gramaticalização pode atingir uma estrutura maior que um item e menor que uma oração. Ademais, a unidade linguística resultante da associação entre forma e significado constitui uma construção da língua. Por isso, consideraremos, a partir desse ponto, que a estrutura definida por Castilho (1968¹⁵) e por Travaglia (1985¹⁶) como perífrase verbal será aqui denominada construção de verbo auxiliar.

2.1 Distinções entre tempo e aspecto verbal

Consideramos necessário iniciar este capítulo delimitando duas noções imbricadas, quais sejam, tempo e aspecto verbal. Apesar dessa imbricação, que está na base da distinção entre as duas categorias do verbo, segundo Costa (2002), muitas vezes a diferenciação é preterida, sobretudo no processo de ensino-aprendizagem da língua materna.

o Aspecto é uma categoria linguística não muito cortejada pelos estudiosos do português, fora do âmbito acadêmico. Uma pessoa pode perfeitamente, pelo menos no Brasil, ir até o fim de sua formação escolar, inclusive universitária, sem nunca ter-lhe ouvido qualquer referência diferentemente do que se passa com muitas outras categorias, como o Gênero, o Número, a

¹⁵ O semantema do verbo expressa o modo da ação; as flexões e **as perífrases expressam o aspecto**; fala-se então em "verbos aspectuais" e em "tempos aspectuais", distribuídos pela oposição presente e imperfeito (imperfectivo) / futuro, pretérito e mais-que-perfeito (perfectivo) (CASTILHO, 1968, p. 42, grifo nosso).

¹⁶ Inicialmente é preciso esclarecer que **estaremos chamando de perífrase qualquer aglomerado verbal em que tenhamos um verbo (denominado auxiliar) ao lado de outro verbo em uma das formas nominais (denominado principal)**, e com uma função determinada de marcar uma categoria gramatical ou uma noção semântica qualquer (TRAVAGLIA, 1985, p. 203, grifo nosso).

Voz, o Tempo, o Modo, a Pessoa. Mas inegavelmente o Aspecto está aí à disposição dos falantes do português, e estou convencida de que nós o usamos com alguma frequência (COSTA, 2002, p. 8)

Isso se deve, muito provavelmente, porque, segundo Câmara Junior (1989 [1942]), “no âmbito dos verbos, isto é, das palavras que exprimem elementos do mundo objetivo, destacados na expressão lingüística, como processos em desenvolvimento, estamos principalmente habituados com a categoria de TEMPO” (CÂMARA JUNIOR, 1989 [1942], p. 140). Para o autor, essa categoria marca o próprio tempo, ou época, da ocorrência do processo verbal em relação ao momento em que se fala. Para esclarecer sua afirmação, Câmara Junior (1989) apresenta a noção temporal subjetiva do linguista francês Marcel Coehen (1924) segundo a qual o tempo

só tem sentido para o sujeito falante, que concebe o tempo de maneira abstrata, como uma linha ideal, e aí traça divisões em relação a si mesmo: o que está por trás dele (no momento em que fala), o passado; o que está ante ele neste momento preciso, o presente; o que está adiante dele, o futuro (COEHEN, 1924 *apud* CÂMARA JUNIOR, 1989 [1942], p. 140).

Para Câmara Jr. (*op. cit.*), o tempo subjetivo é o eixo das conjugações verbais nas línguas românicas e germânicas modernas com que estamos familiarizados e, por isso, o primeiro entendimento sobre a categoria tempo é que ela seja “a própria alma do verbo, cujo nome nas gramáticas alemãs é até, expressivamente, ‘vocábulo temporal’” (CÂMARA JUNIOR, 1989 [1942], p. 140)

Visão semelhante verificamos em Corôa (2005), para quem não são poucas as línguas que incorporam o conceito de palavra temporal ao verbo.

Nas línguas românicas, em especial, o verbo é tão diferenciado pelos morfemas temporais que o falante/ouvinte pode se situar temporalmente — e de fato o faz — quanto ao desenvolvimento das ações, eventos ou processos, sua ordenação e sua posição com respeito a si mesmo (falante/ouvinte). Embora, como já dissemos, o termo “palavra temporal” não se aplique, a rigor, apenas ao verbo em português — advérbios, conjunções, numerais e adjetivos são elementos lexicais que também dão informação quanto à ordenação temporal — são os verbos que mais comumente, tanto nas gramáticas quanto na consciência do falante, aparecem com a tarefa de situar no tempo o processo da comunicação (CORÔA, 2005, p. 33).

A autora ora referida faz um apanhado das acepções do verbo propostas pelos principais linguistas e conclui que “em qualquer definição, dentro de uma ou de outra teoria linguística,

ênfatizados no seu caráter dinâmico ou não, os verbos estão sempre associados à noção temporal” (CORÔA, 2005, p. 34). Isso posto, Corôa (2005) salienta que os verbos, embora não tenham o monopólio de sua manifestação, são claramente os elementos linguísticos que, em caráter imediato, situam ação, estado, evento ou processo na sua relação temporal entre o enunciado e os interlocutores.

Em face disso, a autora passa a explorar o conceito de *tempora* verbais extraído de Hans Reichenbach (1948)¹⁷ que, para elaborar sua teoria da estruturação dos tempos verbais, partiu do pressuposto de que os tempos verbais determinam o tempo em relação à referência e ao momento do ato de fala de um dado enunciado.

Reichenbach (1948) não define diretamente o verbo, mas os *tempora verbais*. E para isso recorre a uma outra definição, a de indivíduos: algo que ocupa uma parte contínua e limitada de espaço e tempo. Assim, as descrições individuais são, em sua maioria, construídas por referência a outros indivíduos - Os que ocupam o espaço e o tempo imediatamente contíguos. Uma dessas classes de descrição é a que faz referência ao ato de falar [...] A partir de Reichenbach, os estudos mais sérios sobre os *tempora verbais* têm girado sempre em torno desses três "pontos" temporais — **momento do evento**, **momento da fala** e **sistema de referência** — que servem de apoio, ou limite, para sua definição. Antes de tudo, reconhece-se que a totalidade de suas combinações matematicamente possíveis nunca ocorre em uma língua natural: as combinações reais de cada língua desenvolvem-se historicamente, mas continuam mantendo as características de indivíduo, ou seja, são definidas por oposição aos outros indivíduos do mesmo sistema (CORÔA, 2005, p. 35, grifo nosso).

Conforme a perspectiva aqui apresentada, entendemos que o tempo expresso pelas formas verbais está relacionado a dois parâmetros: o **momento do evento** e o **momento da referência**, cujas posições podem ser determinadas a partir do **momento da fala**, conforme ilustrado por este dado de nosso *corpus*:

(01) “O atirador, usando um jaleco médico branco, **andou** em dois andares de o Hospital Libanês do Bronx e aparentemente tentou atear fogo em si mesmo. ‘Um médico **está** morto e existem vários outros que **estão lutando** por suas vidas neste momento’, **disse** o prefeito Bill de Blasio a jornalistas.” (Século XXI, grifo nosso).

¹⁷ REICHENBACH, Hans. The tenses of verbs. In: _____. (ed.). *Elements of symbolic logic*. New York: The MacMillan Company, 1947. p. 287-298.

No dado em questão, existem dois momentos da situação: o primeiro momento descreve, um evento passado, situando o atirador em seu deslocamento pelo hospital; o segundo momento da situação é um presente empregado para descrever o estado das vítimas. O momento da referência, o agora da enunciação (30 junho de 2017), é o momento da fala, reproduzido pelo jornalista por meio da reprodução literal do discurso do prefeito. Nota-se que, enquanto as situações referidas nas orações constituintes do período podem se referir a diferentes momentos, o momento de referência de todas deve ser o mesmo, em todo o período.

Com isso, compreendemos que a argumentação de Reichenbach (1948) para descrever o sistema verbal do inglês e apresentada por Corôa (2005) se aplica a todas as línguas, já que em todas é possível determinar o momento da fala, o momento da referência e o momento da situação, embora o arranjo entre esses três momentos possa variar de um sistema para outro.

Considerando o momento da fala como ponto de partida, o momento de referência pode ser anterior, simultâneo ou posterior, resultando assim em três possibilidades. O momento da situação também pode ser anterior, simultâneo ou posterior ao momento da fala, o que resulta em mais três possibilidades. O arranjo entre as três possibilidades de momento de referência e as três possibilidades de momento de situação resulta em nove formas, chamadas formas fundamentais (FIGURA 04):

Figura 4 – formas fundamentais de Reichenbach (1948)

Structure	New name	Traditional name
E - R - S	Anterior past	Past perfect
E, R - S	Simple past	Simple past
R - E - S	} Posterior past	
R - S, E		
R - S - E		
E - S, R	Anterior present	Present perfect
S, R, E	Simple present	Present
S, R - E	Posterior present	Simple future
S - E - R	} Anterior future	Future perfect
S, E - R		
E - S - R		
S - R, E	Simple future	Simple future
S - R - E	Posterior future	

Legenda: E - momento do evento
R - ponto de referência
S - momento da fala

Fonte: REICHENBACH, 1948 *apud* CORÔA, 2005, p. 35-36.

Isso posto, verificamos que outros linguistas contemporâneos também contribuíram significativamente para a descrição do verbo, inclusive ampliando tal descrição para outras categorias, como a de aspecto, que nos interessa mais especificamente neste trabalho. Castilho (1968), autor pioneiro sobre a conceituação de aspecto na língua portuguesa, define o verbo como “a palavra que pode exprimir as modalidades de um processo ou estado (tempo, duração, etc.) por meio de mudanças da forma” (CASTILHO, 1968, p. 13).

O autor segue descrevendo as categorias verbais, entre as quais o aspecto.

O conceito expresso pelo verbo pode ser dimensionado de diferentes formas através das *categorias verbais*, em número de seis; **aspecto**, tempo, modo, voz, pessoa e número. A função dessas categorias é atualizar o processo virtualmente considerado, **definindo-lhe a duração (aspecto)**, localizando-o numa data ou perspectiva (tempo), esclarecendo a interferência do sujeito falante (modo) ou o papel a êle atribuído (voz), bem como sua relação com o ouvinte e o assunto (pessoas, assim distribuídas: primeira pessoa, sujeito falante; segunda pessoa, ouvinte; terceira pessoa, assunto) e quantidade dessas entidades (número) (CASTILHO, 1968, p. 13-14).

Em comparação com o tempo, Castilho (1968) considera o aspecto como uma categoria linguística mais objetiva, ou seja, seria uma “visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração ou desenvolvimento” (*op. cit.*, p.14).

Para ampliarmos o conceito apresentado por Castilho, recorremos a Comrie (1976), o qual explica que, embora o aspecto e o tempo estejam preocupados com o tempo em si, eles o fazem de maneiras diferentes. Segundo o autor (*op. cit.*), “tempo é uma categoria dêitica, ou seja, localiza situações no tempo, geralmente com referência ao momento presente, embora também com referência a outras situações” (COMRIE, 1976, p. 15, tradução nossa¹⁸).

Ao lecionar sobre o momento de fala como o centro dêitico, a partir do qual três tempos básicos podem ser estruturados – presente passado e futuro –, Comrie (1976) salienta que esses tempos são denominados tempos absolutos, em oposição aos tempos relativos. Os tempos absolutos seriam os que tomam como ponto de referência o momento da fala e os

¹⁸ Tense is a deictic category, i.e. locates situations in time, usually with reference to the present moment, though also with reference to other situations. (COMRIE, 1976, p. 15).

tempos relativos, aqueles que têm como referência algum outro ponto contextualmente identificado, e por isso, ditos anafóricos.

Com relação ao aspecto, o autor esclarece que se trata de uma categoria que traduz uma maneira diferente de ver o constituinte temporal interno de uma situação. Dessa forma, “o aspecto não se preocupa em relacionar o tempo da situação com qualquer outro ponto do tempo, mas com o constituinte temporal interno da situação” (*op. cit.*, p. 15, tradução nossa), ou seja, uma categoria não-dêitica. Assim, Comrie (1976) estabelece que o tempo interno da situação seria o aspecto, enquanto o tempo externo da situação corresponderia ao tempo em sua forma absoluta.

Travaglia (1985), a partir de um levantamento acerca dos estudos desenvolvidos no campo do aspecto, e após a verificação de distintos conceitos apresentados por diferentes autores, propõe a seguinte definição:

Aspecto é uma categoria verbal de TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação (TRAVAGLIA, 1985, p. 53).

Logo, verifica-se que o conceito de Travaglia (*op. cit.*) dialoga com a proposição de Comrie (1976), segundo a qual o aspecto é uma categoria verbal ligada ao tempo, por indicar o espaço temporal ocupado pela situação em seu desenvolvimento e por marcar o tempo gasto pela situação em sua realização, ou seja, “o aspecto são as diferentes maneiras de ver a constituição temporal interna da situação, sua duração” (COMRIE, 1976 citado por TRAVAGLIA, 1985, p. 52). Nota-se também entre ambos uma similaridade na conceituação das categorias de tempo e de aspecto, conforme revelam estas palavras de Travaglia (1985):

tanto **tempo** quanto **aspecto** são categorias de TEMPO, entretanto as duas não se confundem pois:

- a categoria de **tempo** situa o momento de ocorrência da situação a que nos referimos em relação ao momento da fala como anterior (passado), **simultâneo** (presente) ou **posterior** (futuro) a esse mesmo momento. É uma categoria dêitica, uma vez que indica o momento da situação relativamente à situação de enunciação. Aqui temos uma datação;
- a categoria de **aspecto** não é uma categoria dêitica, pois se refere à situação em si (TRAVAGLIA, 1985, p. 52, grifo do autor).

Segundo Câmara Junior (1989 [1942]),

estamos habituados a uma divisão das formas verbais pela categoria de TEMPO, que assinala a época da ocorrência em relação ao momento em que se fala. Mas é preciso levar também em conta o ASPECTO, que considera a duração do processo em si mesmo, apresentando-o - 1) como um ponto, ou instantâneo; 2) como uma linha apreciável de duração, continua ou repetida; 3) como apenas iniciado; 4) como conclusivo; 5) como permanecendo em seus efeitos depois de realizado; e assim por diante (CÂMARA JUNIOR, 1989 [1942], p. 148).

O autor (*op. cit.*) ensina que o tempo e o aspecto se coordenam, em regra, na expressão de uma forma verbal; mas,

conforme a língua, o sistema de formas verbais, ou sistema de conjugação, se distribui pelas linhas diretrizes de uma ou outra dessas categorias. As vezes elas se complementam: há uma divisão primária em aspectos, e em cada grupo uma divisão em tempos; ou um determinado tempo se subdivide em função de aspectos. Outras vezes, o aspecto funciona sozinho e a conjugação do verbo obedece a uma estruturação exclusivamente aspectual (CÂMARA JUNIOR, 1989 [1942], p. 148).

Outra tentativa de realizar uma distinção entre tempo e aspecto, que ratifica os autores mencionados, é a proposição de Costa (1990). Para a autora,

[...] a referência ao tempo, em português, conta com duas categorias linguísticas para sua expressão: a categoria de Tempo e a categoria de Aspecto. Aspecto e tempo são ambas categorias temporais no sentido de que têm por base referencial o tempo físico. Distinguem-se, contudo, do ponto de vista semântico, basicamente a partir da concepção do chamado tempo interno (o Aspecto) diferente do tempo externo (o Tempo). As noções semânticas do âmbito do Tempo dizem respeito à localização do fato enunciado relativamente ao momento da enunciação; são, em linhas gerais, as noções de presente, passado e futuro e suas subdivisões. Já **as noções semânticas do âmbito do Aspecto são noções de duração, instantaneidade, começo, desenvolvimento e fim**. Podemos observar, portanto, que são noções que **se referem à maneira como o tempo decorrido dentro dos limites do fato é tratado** (COSTA, 2002, p.19, grifo nosso).

Na obra de Corôa (2005), encontramos também referência a autores que definem *aspecto* por oposição a *tempus* como as duas faces de uma mesma natureza:

o tempo inerente ao próprio processo consideram *aspecto*; o tempo do processo em relação ao momento da enunciação e ao sistema fixo de referenda temporal consideram *tempus*. Também já definimos o *tempus*

como uma categoria temporal dêitica. Podemos, então, chegar negativamente a uma primeira definição de *aspecto*: é o que há de não-dêitico na categoria de tempo. Enquanto o *tempus* é uma propriedade, ao mesmo tempo, da sentença e da enunciação, o *aspecto* é propriedade apenas da sentença, pois não se refere ao momento da enunciação (CORÔA, 2005, p.61).

Abordando o momento da ocorrência de um evento, estado ou processo como um ponto, Corôa (2005) salienta que sabemos intuitivamente que qualquer evento dura por um certo tempo; por mínima que seja, qualquer evento tem uma extensão.

Uma definição de *aspecto* por oposição a *tempus* vale-se desta característica: os eventos se desenvolvem de um estado inicial para um final. Quando uma visão espacial do processo — desenvolvimento — não é relevante, consideramo-lo pontual, como fizemos ao definir os *tempora* do português. As distorções aspectuais residem justamente na propriedade que o evento tem de se "estender" por um espaço de tempo: daí ser o *aspecto* muitas vezes identificado com a duração. Mas esta propriedade está inadequadamente caracterizada: a noção temporal que se expressa no *aspecto* transcende uma representação linear de tempo (CORÔA, 2005, p.67).

Ao explorar a duração/pontualidade de um evento, Comrie (1976) discute a noção de perfectividade e de imperfectividade. Para o autor (*op. cit.*), há uma distinção entre “ele leu” e “ele estava lendo” e “ele costumava ler”, que constituiria uma distinção de *aspecto*, de maneira que a forma perfectiva indicaria uma situação apresentada em sua totalidade e a forma imperfectiva indicaria uma das partes da situação/evento.

Sobra essa interpretação aspectual, Corôa (2005, p.73) aborda que “a duração não é a marca relevante do *aspecto*, isto é, não é o momentâneo *versus* o durativo que caracteriza o *aspecto*, mas o perfectivo (concluso) *versus* o imperfectivo (inconcluso)”. Para a autora, a duração só faz parte da distinção enquanto implícita no desenvolvimento do processo.

Estabelecida uma conceituação mais clara da manifestação do tempo e do *aspecto*, passemos à descrição do quadro aspectual do português, no intuito de escolher aquele que melhor se presta aos objetivos de nossa descrição.

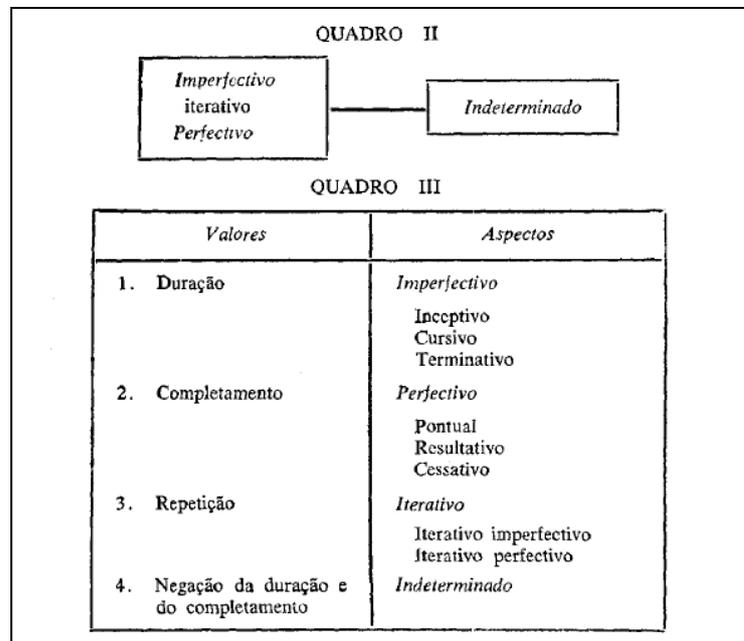
2.2 O quadro aspectual do português

Na tentativa de descrever os principais tipos aspectuais presentes na língua portuguesa, Castilho (1968), Almeida (1980) e Travaglia (1985) sistematizaram suas propostas de

descrição para essa categoria verbal. Castilho (1968) apresentou um quadro (Cf. Figura 5) que poderia incorrer na cumulação de aspectos em uma mesma construção, reforçando que não existem valores aspectuais absolutos.

Podemos agora esquematizar o quadro do aspecto português em seus lineamentos gerais (quadro II) e em suas subdivisões (quadro III). Não é nosso desejo que a simetria deste quadro leve o leitor a conceber o verbo português como dotado de um mecanismo absoluto. À parte as questões de paralelismo entre aspectos [...], nunca é demais lembrar que a língua é o produto de um equilíbrio instável em que a tradição e a evolução se digladiam (CASTILHO, 1968, p. 53).

Figura 5 – Quadro do aspecto português em seus lineamentos gerais e suas subdivisões segundo Castilho (1968)



Fonte: CASTILHO, 1968, p. 53.

Almeida (1980, p. 40) subdivide o quadro aspectual do português em duas categorias: (i) aspecto *latu sensu* e (ii) aspecto *stricto sensu*:

Figura 6 – Quadro aspectual básico do sistema verbal português segundo Almeida (1980).

I — Aspectos « <i>lato sensu</i> »	
1. Perfectivo	Ex.: O ladrão <i>pulou</i> o muro.
2. Imperfectivo	Ex.: Paulo <i>dormia</i> e não viu o incêndio.
II — Aspectos « <i>stricto sensu</i> »	
A — Aspectos de «fase»	
1. Inceptivo (— ...)	M. <i>começou a trabalhar</i> no cinema.
2. Cursivo (... — ...)	M. <i>está a trabalhar</i> no cinema.
3. Terminativo (... —)	M. <i>deixou de trabalhar</i> no cinema.
B — Aspectos de «extensão»	
1. Pontual (.)	<i>Caiu</i> o dólar.
2. Durativo (--)	As ações <i>continuam a cair</i> Global (O balão <i>cairá</i> a 300 mts, daqui)
3. Iterativo (- - - ou ...)	M. <i>tornou a vê-la</i> .

Fonte: ALMEIDA, 1980, p. 40.

O importante, pois, para nós, é reconhecer dentro do verbo português outra noção, além da de tempo, que localiza a época ou a perspectiva do processo, e da de modo, em que se revela a atitude do sujeito falante em relação ao processo: a visão espacial do processo, baseada fundamentalmente na dualidade «perfectividade / imperfectividade», com características diversificadas no atualizar da ação. [...] Se há um grupo predominante, o da dualidade «perfectivo/imperfectivo», parece-nos melhor que se considere como aspecto *lato sensu*, em oposição ao aspecto *strictu sensu*, que fundamentalmente se caracteriza pelas noções de inceptividade, de cursividade, de terminação, de pontualidade, de duração, de iteração e de globalidade (ALMEIDA, 1980, p. 39).

Castilho (1968) introduz subcategorias aspectuais dentro do *perfectivo* e do *imperfectivo* e admite que algumas delas não correspondem a noções estritamente aspectuais, como o cessamento e a resultatividade, por exemplo. Travaglia (1985), por seu turno, constrói um quadro dos tipos aspectuais do português (Cf. figura 7), relacionando o perfectivo e o imperfectivo à fase de completamento; ademais, contribui com novas subcategorias de aspecto, complementando as proposições de Castilho (1968) e de Almeida (1980), motivo pelo qual será adotado para fins de nossa análise.

Figura 7 – Quadro aspectual do português esquematizado por Travaglia (1985)

QUADRO III				
NOÇÕES ASPECTUAIS			ASPECTOS	
I. DURAÇÃO	1. Duração	A. Contínua	a. Limitada	DURATIVO
			b. Ilimitada	INDETERMINADO
		B. Descontínua	a. Limitada	ITERATIVO
			b. Ilimitada	HABITUAL
	2. Não-Duração ou Pontualidade			PONTUAL
II. FASES	1. Fases de Realização	A. Por Começar		NÃO-COMEÇADO
		B. Não-Acabado ou Começado		NÃO-ACABADO ou COMEÇADO
		C. Acabado		ACABADO
	2. Fases de Desenvolvimento	A. Início (No ponto de início ou nos primeiros momentos)		INCEPTIVO
		B. Meio		CURSIVO
		C. Fim (No ponto de término ou nos últimos momentos)		TERMINATIVO
	3. Complementamento	A. Completo		PERFECTIVO
		B. Incompleto		IMPERFECTIVO
	Ausência de Noções aspectuais			Aspecto não atualizado

- 97 -

Fonte: TRAVAGLIA, 1985, p. 97.

Pelo quadro III, vemos que existem quatro grupos de distinções aspectuais: um ligado à duração e três ligados às fases. Além da ausência total de atualização do aspecto, podemos ter a não atualização de um ou outro grupo de distinções em dada frase. Isto significa que uma forma verbal não precisa estar marcada para os quatro tipos de distinções aspectuais, mas pode estar marcada apenas para uma, duas, ou três destas distinções. Assim, por exemplo, uma forma verbal pode estar marcada apenas para a distinção perfectivo/imperfectivo sem estar marcada para as outras três distinções e assim por diante. Portanto, ao proceder à análise aspectual de uma frase, não se tem, obrigatoriamente, que dizer aspectos referentes às quatro distinções aspectuais, mas apenas aspectos referentes às distinções para as quais a situação expressa está marcada (TRAVAGLIA, 1985, p. 115).

A partir da exposição dos quadros aspectuais propostos por Castilho (1968), por Almeida (1980) e por Travaglia (1985), daremos foco, na próxima seção, ao aspecto durativo, alvo de

nossa pesquisa e codificado nas construções estudadas. No percurso de leitura dos quadros ora apresentados, foi possível perceber que, de uma noção aspectual, a duração passou a ser um aspecto propriamente dito, conforme passamos a explorar em maiores detalhes.

2.2.1 O aspecto durativo

Considerando-se os quadros apresentados, não encontramos propriamente o aspecto durativo em Castilho (1968), mas encontramos nele a noção de duração. Entendemos que essa noção aspectual evolui no estudo sobre as perífrases verbais proposto por Almeida (1980), a ser mencionado na seção o “aspecto em perífrases”, e seguidamente tornou-se propriamente um aspecto em Travaglia (1985).

Castilho (1968) apresenta a noção aspectual de duração, que configura o aspecto imperfectivo, por meio de três gradações:

- a) duração de que se conhecem claramente os primeiros momentos, presentindo-se o seguimento do processo: *aspecto imperfectivo inceptivo*, graficamente assim representado: [—... O conjunto dos casos de inceptividade evidenciou, por sua vez, a existência de duas noções secundárias encontradas ao lado daquela noção geral: começo da ação puro e simples (inceptivo propriamente dito), começo da ação e conseqüente mudança de estado (inceptivo incoativo).
- b) duração de que não se reconhece o princípio nem o fim, apresentando-se o processo em seu pleno desenvolvimento: *aspecto imperfectivo cursivo*, representado graficamente assim: Admite duas variantes: aspecto cursivo propriamente dito e aspecto cursivo progressivo, que difere do primeiro por insistir num desenvolvimento gradual do processo.
- c) duração de que se conhece o término: *aspecto imperfectivo terminativo*, graficamente assim representado: ...—] (CASTILHO, 1968, p. 49, grifo nosso).

Conforme Travaglia (1985, p. 56), “a duração é a primeira noção semântica aspectual”. Na visão desse autor, esta pode ser referida de maneira limitada ou ilimitada, contínua ou descontínua. A partir disso, o linguista (*op. cit.*) situa, no quadro aspectual do português, o aspecto durativo e o define por apresentar uma situação como tendo duração contínua limitada, ou seja, uma duração sem interrupção no seu tempo de existência e desenvolvimento, porém, com identificação de finitude, seja de início ou de fim: “(8) b - Ele estava nadando desde as 6 horas da manhã. (...) (8) b - Papai estaria trabalhando até às 20 horas” (TRAVAGLIA, 1985, p. 56-57).

Conforme adverte esse autor (*op. cit.*), “não se pode falar em aspecto durativo pelo simples fato de termos na frase um processo ou um estado que são situações durativas (1985, p. 100)”; antes, será necessário verificar se no contexto em questão a situação está, por qualquer meio, marcada como durativa, fato que se observa quando algumas situações pontuais se combinam com o gerúndio, formando a construção [ESTAR + GERÚNDIO]:

- 114. O rapaz **está pulando** o muro.
- 115. O trem **está chegando**.
- 116. O trem **está partindo**.
- 117. Os funcionários da companhia **estão explodindo** a ponte.
(TRAVAGLIA, 1985, p. 79-80)

Cumprido, neste ponto, que nos ocupemos do entendimento dos aspectos que emergem das construções, que são a unidade linguística de interesse desta pesquisa.

2.3 Aspecto em construções de verbo auxiliar

Consoante Barroso (1994), estudioso do Português Europeu, a categoria aspecto é encontrada nos mais variados níveis de manifestação nas línguas. Entre esses processos, destacam-se o lexical, o contextual, o flexional e o perifrástico. Porém, “pela sua natureza (ou seja, pelo emprego de morfemas próprios e pertencentes a paradigmas), os processos flexionais e perifrásticos representam o seu mais alto grau de sistematicidade e de rentabilidade funcional” (BARROSO, 1994, p. 78).

Barroso (*op. cit.*) ainda propõe que, na língua portuguesa,

só a 'expressão perifrástica' é que apresenta, de longe, essas duas propriedades. Isto, porque, como tem vindo a ser referido, a 'expressão flexional' tem por função primária, em português, indicar os 'tempos' e 'modos', 'pessoas' e 'números', típicos da conjugação central ou, também dita, dos tempos simples. Portanto, o sistema verbal português, ao contrário do que sucede com os das línguas eslavas, por exemplo, que se estruturam, à semelhança do primitivo indo-europeu, em torno da 'noção aspectual' (expressando, por conseguinte, flexionalmente os valores aspectuais), o sistema verbal central português, dizíamos, estrutura-se em torno da 'noção temporal' (BARROSO, 1994, p. 79).

Visão semelhante tem João de Almeida (1980), para quem

o aspecto verbal encontra nas perífrases, em português, um de seus melhores meios de expressão. Já é possível mesmo dizer que, em nossa língua, em consonância com as demais línguas românicas, se vem concentrando cada vez mais nas perífrases verbais o valor morfêmico da categoria do aspecto, para a expressão da qual, no latim e em outras línguas indo-européias, o recurso mais comum era a utilização de afixos (115) (ALMEIDA, 1980, p. 30).

Retomando Barroso (1994, p. 87), chegamos ao entendimento de que “a expressão do aspecto por meio de perífrases verbais¹⁹ constitui a mais importante (porque mais sistemática e mais rentável) das manifestações gramaticais desta mesma categoria verbal no sistema linguístico português”. Para exemplificar, recorreremos a Travaglia (1985), em quem encontramos a descrição de algumas funções atribuídas às perífrase verbais, a depender dos elementos de combinação:

Algumas das funções que as perífrases podem ter são, por exemplo:

a. marcar o aspecto, como é o caso de ESTAR + GERÚNDIO ou CONTINUAR+ GERÚNDIO. Exemplos:

675. Rogério **estava almoçando**, quando telefonei. (imperfectivo, cursivo, não acabado, durativo).

676. Todos **continuarão escrevendo** sobre o problema. (começado).

b. marcar a voz, como é o caso de SER + PARTICÍPIO, que indica voz passiva. Exemplo:

677. As meninas **foram encontradas** pelo policial.

c. marcar o tempo, como é o caso de IR + INFINITIVO que indica futuro. Exemplos:

678. **Vamos atravessar** o rio a nado.

679. Os cavalos **vão partir** dentro de instantes.

d. marcar modalidade. Exemplos:

680. **Tenho de limpar** a casa hoje. (obrigação - TER + DE + INFINITIVO)

681. **Quero ir** ao parque. (volição - QUERER + INFINITIVO)

682. **Devo ler** este livro para fazer o trabalho. (necessidade – DEVER + INFINITIVO) (TRAVAGLIA, 1985, p. 203).

Como verificado em Travaglia (1985), uma combinação sintática específica entre o verbo [*estar* + gerúndio] coaduna com a consideração de Castilho (1968) de que o aspecto é uma categoria de natureza léxico-sintática, pois, em sua caracterização, interagem o sentido que a raiz do verbo contém e outros elementos sintáticos, tais como adjuntos adverbiais, complementos e tipo oracional. Nesse viés, entende-se o que Costa (2002) aborda quando fala da associação de formas verbais para atualização de certo quadro aspectual:

¹⁹ Conforme já mencionamos, estamos tratando sob a nomenclatura de construções de verbo auxiliar as tradicionais perífrases verbais.

[...] **os verbos** que são tradicionalmente chamados ‘**de ligação**’ ou ‘copulativos’, **quando associados às formas nominais Gerúndio e Particípio, constroem perífrases que expressam Aspecto e Voz**, além, naturalmente, da marca da categoria de Tempo também presente através do morfema Modo-temporal acrescido ao primeiro verbo.

Assim, **nessas perífrases com Gerúndio temos a expressão de Aspecto imperfectivo em curso (processo) e Voz ativa**, enquanto naquela com Particípio temos a expressão de Aspecto imperfectivo resultativo (estado resultante de processo anterior) e Voz passiva (COSTA, 2002, p. 51, grifo nosso).

A autora (*op. cit.*) também traz em sua obra reflexões relativas às noções semânticas veiculadas pelos verbos de ligação *ser, estar, ficar, permanecer, andar e continuar* em suas implicações com as noções aspectuais, expondo que esses verbos relacionais são variantes aspectuais entre si.

Aliás, a gama variada de noções semânticas que esses verbos veiculam, além do fato de sua alternância de uso não ser livre, faz-me discordar de que devam ser considerados como meros elementos de ligação sintática, como se fossem vazios de significação própria, servindo apenas de veículo para "carregar" morfemas de Tempo, Modo e Pessoa. Talvez a melhor denominação para esses verbos seja "verbos estativos" [...].

O verbo *estar* coloca automaticamente o fato verbal referido num fragmento de tempo, ou seja, recorta a temporalidade, atribuindo ao fato verbal um período de vigência, ao tempo em que refere a estrutura temporal interna desse fato como em curso. Em suma, permite a "visualização" do estado. [...] O verbo *andar* refere o fato verbal como imperfectivo em curso, atribuindo uma certa indefinição quanto à regularidade desse curso [...].

De comum entre si têm todos os chamados "verbos de ligação", exceto o verbo *ser*, a capacidade de expressar a imperfectividade em perífrases com o Gerúndio ou o Particípio de outros verbos. São, contudo, todos eles considerados aqui como verbos auxiliares aspectuais, incluído o verbo *ser*, visto que ele permite a expressão da forma neutra aspectual, isto é, a forma perfectiva. (COSTA, 2002, p. 53-54, grifos nossos).

Do exposto, percebe-se que a autora ora referenciada reconhece a função aspectual dos verbos relacionais e os concebe como verbos auxiliares aspectuais quando combinados com gerúndio ou particípio. Essa visão de Costa (*op. cit.*) faz eco à proposta de Melo (1970), quando este trata dos verbos de ligação ou relacionais:

A nossa língua português, repetimos, é muito rica em liames verbais ou verbos de ligação. Assim, funcionam como tais os verbos *ser, estar, parecer, ficar, permanecer, continuar, tornar-se, andar*, etc.

Na realidade, do segundo em diante **são todos variantes, modalidades, aspectos do verbo ser** [...].

Estar é "ser por algum tempo", como se vê da comparação entre "O menino é doente" e "O menino está doente".

Parecer é "ser no conceito, no juízo, na impressão de alguém ": "Joaquim parece nervoso" significa que Joaquim está nervoso, no modo de sentir, segundo a opinião de alguém.

Ficar e *tornar-se* significam "passar a ser"; indicam, pois, mudança de estado: "João ficou [ou tornou-se] sério".

Permanecer indica duração de um estado: "êles permaneciam silenciosos".

Andar sugere prolongamento de um estado, incluindo um passado recente e sugerindo um futuro próximo. Confronte-se: "Tomás está doente", "Tomás anda doente".

Continuar é manter-se num segundo estado, é um "ficar" prolongado: "Jorge continua furioso". (MELO, 1970, p. 197-198)

Tais considerações fomentaram a hipótese de uma possível concorrência entre as construções [V1*andar*+V2GERÚNDIO] e [V1*estar*+V2GERÚNDIO], conforme passamos a explorar na próxima seção.

2.4 As construções aspectuais [V1*andar*+V2GERÚNDIO] e [V1*estar*+V2GERÚNDIO]: formas em concorrência?

Travaglia (1985), ao analisar a sentença “a tinta *vai esparramando* sobre o papel” (TRAVAGLIA, 1985, p. 204), propõe que a construção [*ir* + gerúndio] pode marcar simultaneamente duas ideias: primeiro a noção semântica da progressão e, segundo, o aspecto durativo. O autor aponta que muitas vezes o tipo de verbo principal altera o aspecto expresso pela perífrase e, em sua obra, analisa muitas construções, mas nos ateremos apenas àquelas às quais delimitamos o nosso estudo.

Acerca das construções formadas pelo auxiliar *estar*, Travaglia (1985) afirma que

todas as perífrases de **estar** marcam exatamente os mesmos aspectos que o verbo **estar** [...]. Isto equivale a dizer que as perífrases de *estar* marcam os aspectos imperfectivo, cursivo, não acabado e **durativo** em todos os tempos flexionais e formas nominais [...] Estes aspectos dizem respeito sempre à situação referencial. (TRAVAGLIA, 1985, p. 214, grifo nosso).

Então, quando estudamos a construção [V1*estar*+V2GERÚNDIO] tal como descrita por esse autor, verificamos, a partir de seus exemplos, que nesse caso não há uma distinção entre situação narrada e situação referencial²⁰. Temos apenas uma situação que, independentemente

²⁰ Utilizamos a distinção entre situação referencial e situação narrada proposta por Travaglia (1985, p.83). Segundo, explica, a partir do **exemplo** “o cafezal está destruído pela geada”, nessa sentença existem duas situações, uma é a situação narrada - “a destruição do cafezal” - que é anterior; a outra

das flexões temporais e das formas nominais, apresenta o aspecto durativo. Contrariando, contudo, essa tendência aspectual durativa, o autor propõe que, por influência do adjunto adverbial, uma interpretação iterativa pode ser autorizada. Nesses casos, o adjunto adverbial é que marca o aspecto iterativo ou o habitual, como observamos no quadro a seguir.

Quadro 1 – Quadro exemplificativo do aspecto durativo em construções [V1*estar* +V2GERÚNDIO]

ASPECTOS IMPERFECTIVO, CURSIVO, NÃO ACABADO E DURATIVO
<p>As folhas da avenca estão amarelando. O bebê estava nascendo, quando me avisaram. Hilário estaria pesquisando este assunto, se você não o tivesse desanimado. Embora Neilton esteja folheando o livro, não o está lendo. Quando José estiver adoecendo, virá nos pedir socorro. Estou emoldurando vários quadros para ele.</p>
ASPECTOS PERFECTIVO, ACABADO E DURATIVO (PRETÉRITOS PERFEITO E MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO:)
<p>Esse menino esteve comendo doces a tarde toda. Mamãe esteve caminhando pelo bosque hoje de manhã. Seu filho esteve cantando para nós, mas já se foi. Estivera chovendo de manhã e todos ficaram em casa. Pedro estivera olhando algumas camisetas, mas não gostou de nenhuma.</p>
(EXCEÇÃO) ASPECTO ITERATIVO OU HABITUAL ²¹ MARCADO PELO ADJUNTO ADVERBIAL
<p>O trem está partindo pela manhã. (imperfectivo, não acabado, iterativo). Hoje em dia os bebês estão nascendo mais fortes (imperfectivo, não acabado, habitual). José está caminhando toda manhã. (imperfectivo, não acabado, iterativo/habitual).</p>

Fonte: TRAVAGLIA, 1985, p. 218-220.

No quadro identificamos uma restrição relativa aos tempos verbais, apenas no que se refere ao aspecto perfectivo.

Quanto à construção [V1*andar*+V2GERÚNDIO], o autor (*op. cit.*) propõe que denotam o aspecto iterativo:

é situação referencial, que indica a permanência da situação narrada, relacionando-a com o tempo do evento da fala.

²¹ Cabe aqui registrarmos a discussão existente sobre a pertinência de se considerar a habitualidade um tipo de aspecto. Castilho (1968) defende que apenas as repetições conscientes e intencionais traduzem o aspecto iterativo. A repetição que decorre da habitualidade (ações automáticas e rotineiras) tende a ser modal, e não aspectual, porque traduz a atitude do falante frente à própria visão do evento.

A perífrase ANDAR + GERÚNDIO marca o aspecto iterativo com todas as flexões verbais em que é possível. Normalmente temos também o imperfectivo e o não acabado, exceto nos pretéritos perfeito e mais-que-perfeito do indicativo em que temos o perfectivo. Ex.: 918. Celina **anda perguntando** por você. 919. Os aviões **andavam decolando** sem permissão. 920. Se não fosse a vigilância constante, eles **andariam roubando** peças. (TRAVAGLIA, 1985, p. 231).

Logo em seguida, o autor (*op. cit.*, p. 231.) aprofunda um pouco mais a descrição dos valores aspectuais ora formulada e atribui a exceção a um processo de variação linguística oriundo do fato de os falantes preferirem usar a perífrase “*estar + gerúndio*” para expressar a ideia advinda de “*andar + gerúndio*”. Assim, apesar de alegar que esta seja iterativa, em alguns contextos parece conotar os aspectos cursivo e durativo em vez do iterativo. Isso se dá, contudo, sob certas restrições:

Embora esta perífrase seja basicamente iterativa, em algumas frases parece que **temos os aspectos cursivo e durativo em vez do iterativo**. Isto parece ocorrer apenas com verbos indicadores de processos, principalmente com processos télicos que tenham objeto singular (*Márcio anda emoldurando o quadro para você.*); processos que não aceitam descontinuidade, tais como amar, viver, respirar, saber (= conhecimento) (*Pedro anda amando Maria. Qualquer um percebe isto.*) e verbos transformativos atélicos, desde que tenham sujeitos não agentivos (*Abílio anda engordando muito*) (TRAVAGLIA, 1985, p. 232).

O autor ora referenciado alega que, além dos aspectos cursivo e durativo, nas sentenças “Márcio anda emoldurando o quadro para você” e “Jorge anda lendo o livro que lhe dei?”, também é possível identificar uma iteração, dado que os processos de emoldurar o quadro e de ler o livro podem se dar em períodos descontínuos sucessivos. A partir disso, questiona se realmente haveria um aspecto cursivo e durativo nas sentenças analisadas ou se permaneceria o valor iterativo inicialmente delimitado em seu quadro aspectual para “*andar + gerúndio*”. Antes de dar sequência à análise das demais construções exploradas em sua obra, Travaglia (1985) conclui seu raciocínio admitindo que, para expressar as nuances dos aspectos durativo e cursivo em “*andar + gerúndio*”, “o falante prefere como mais natural a perífrase ‘*estar + gerúndio*’” (TRAVAGLIA, 1985, p. 232), o que sinaliza, portanto, uma concorrência entre as duas construções na conotação dos aspectos durativo e cursivo.

De forma a tentar contribuir para elucidar a questão, nos capítulos seguintes, testaremos a hipótese da variação, quer no verbo relacional, quer na construção aspectual, adotando, para

tanto, os procedimentos metodológicos propostos e apoiando-nos teoricamente nos fundamentos apresentados no capítulo primeiro.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA

Neste capítulo, descreveremos a metodologia utilizada neste estudo e as etapas percorridas, desde a constituição do *corpus* até os procedimentos de coleta dos dados, as categorizações realizadas, além do detalhamento dos critérios de análise. Iniciemos pelo estabelecimento de nosso quadro teórico e dos critérios adotados para constituição do *corpus*.

3.1 Do quadro teórico adotado e da constituição do *corpus*

Dado que nosso estudo se dedica à análise de uma possível concorrência entre as construções [V1*andar*+V2GERÚNDIO] e [V1*estar*+V2GERÚNDIO], testando a hipótese de que tais construções possam constituir variantes na marcação de aspecto no português do Brasil, foi adotado o quadro teórico da sociolinguística variacionista, combinado com questões teóricas atinentes ao conceito de *gramaticalização*, de *construção* e de *categoria verbal*, mais especificamente a categoria de *aspecto* (Cf. CASTILHO, 1968; KURYŁOWICZ, 1975[1965]; COMRIE, 1976; LEHMANN, 1982; TRAVAGLIA, 1985; HOPPER e TRAUGOTT, 1993; GOLDBERG, 1995; COSTA, 2002; BYBEE, 2003).

Considerando-se que a gramaticalização de construções resulta de um processo de mudança linguística que, como tal, só é consolidado ao longo dos séculos, optamos por empreender uma pesquisa diacrônica com vistas a tentar flagrar um eventual processo de mudança em curso envolvendo as duas construções selecionadas para o estudo e, desse modo, testar a hipótese de uma possível variação entre ambas no período. Foi escolhido, para a constituição do *corpus* da pesquisa, o banco de dados digital *Corpus do Português*, organizado por Mark Davies e Michael J. Ferreira (2006), disponível no *site* <http://www.corpusdoportugues.org>, cujas interfaces estão ilustradas pela Figura 08, a seguir:

Figura 8 – Página informativa sobre as interfaces do *Corpus do Português*

o corpus do português

English **Português**

Criado pelo Professor [Mark Davies, BYU](#). Financiada pelo [National Endowment for the Humanities](#) (2004, 2015). Faz parte da coleção [corpora da BYU](#).

	Corpus	Tamanho	Criado	Mais informação
1	Gênero / Histórico	45 milhões de palavras	2004-06	Info
2	Web / Dialetos	1 mil milhão de palavras	2015-16	Info
3	NOW (2012 - 2019)	1,1 mil milhão de palavras	2018	Info
4	WordAndPhrase	40.000 palavras principais	2017	Info

Este é o "original" Corpus do Português (2006), mas com uma nova interface de usuário (2016).

O corpus contém uma base de dados com 45 milhões de palavras dos anos 1200 de 1900, e pode ser usado para verificar a história do Português. Para o século XX, é dividido igualmente entre gêneros de estilo falado, ficção, jornais e textos acadêmicos.

A nova interface para o corpus foi lançada no verão de 2016. Permite criar "corpora virtuais" (por exemplo, um determinado conjunto de autores, fontes, ou tópicos). Também tem uma interface muito mais "limpa", melhores arquivos de ajuda, e funciona muito bem em dispositivos móveis.

[Clique aqui](#) para utilizar a antiga interface de 2008.

Fonte: Site *Corpus do Português*.

Apesar de o *corpus* histórico da referida plataforma ser constituído de 45 milhões de palavras, congregando textos do Português Europeu (PE) e do Português Brasileiro (PB) produzidos desde o século XIII, nosso estudo não contemplou toda essa diacronia. Dada a delimitação de nosso objeto de estudo ao PB, restringimos nossa coleta aos séculos XIX, XX e XXI, atentando-nos, durante o processo de coleta, para a seleção de autores brasileiros. A sincronia inicial selecionada para o estudo foi definida a partir do trabalho de Tarallo (1993), que, analisando cinco fenômenos sintáticos, diagnosticou a manifestação de uma gramática nacional no século XIX. Os dois séculos subsequentes foram escolhidos para atender à recomendação da metodologia laboviana, que prevê um interstício de três séculos para o estudo de fenômenos de variação e mudança linguística.

Dado nosso recorte temporal, duas interfaces da plataforma digital foram utilizadas para o levantamento dos dados. A primeira, denominada *Gênero/Histórico*, cujos dados congregam textos produzidos no período de 1200 até 1900, possui um recurso para identificação dos gêneros dos 57.000 textos nela incluídos, classificados como textos orais, de ficção, jornalísticos e acadêmicos. Dessa forma, a plataforma escolhida mostra-se adequada para nossos propósitos e harmoniza-se com a recomendação de Vitral (2006, p. 159) de que

é necessário que haja variação dos gêneros dos textos para que seja disponibilizado o maior número possível de ambientes semânticos. Ora, dependendo do fenômeno em análise [...], o uso de um único gênero pode gerar um ambiente propício para o aparecimento, em número elevado, do item em análise com uma acepção específica, o que camuflaria os resultados (VITRAL, 2006, p. 159).

Nessa interface histórica, foi realizada a coleta dos dados representativos dos séculos XIX e XX.

A segunda interface, utilizada para a coleta dos dados representativos do século XXI, denomina-se *Now* (Cf. Figura 8) e possui mais de 1,1 mil milhões de palavras extraídas de jornais e de revistas. Também, nessa interface, tomamos o cuidado de coletar apenas dados relativos ao PB. Em face da caracterização ora exposta, é possível perceber que a plataforma escolhida assegura a representatividade da amostra que serviu de base para a coleta dos dados, tanto em função do tamanho do *corpus* quanto da diversidade de gêneros que a constitui. Apesar disso, conforme detalharemos à frente, nossos resultados foram submetidos a teste de significância estatística.

Estabelecido nosso quadro teórico, bem como a diacronia contemplada pelo estudo e a plataforma que elegemos para coleta dos dados, refinamos, na próxima subseção, a descrição acerca dos critérios adotados para coletar os dados e para fixar o tamanho de nossa amostragem linguística.

3.2 Dos procedimentos de coleta dos dados

Para realizarmos a coleta dos dados que constituíram nosso *corpus*, utilizamos a própria ferramenta de busca da plataforma, selecionando quatro chaves de busca, que foram estabelecidas segundo os objetivos da pesquisa.

Assim, as duas primeiras chaves – [andar] e [estar] – visaram a coletar ocorrências que nos permitissem verificar a produtividade das formas simples dos verbos no PB em cada século, as quais foram agrupadas segundo o contexto (lexical ou gramatical) de ocorrência, para testar nossa primeira hipótese de trabalho. Essa coleta, nos séculos XIX e XX, ocorreu pela inclusão dessas chaves separadamente na interface histórica, conforme ilustrado pela Figura 9.

Figura 9 – Layout página corpus /Gênero Histórico - *Corpus do Português*

The screenshot shows the 'Corpus do Português: Gênero/Histórico' interface. The top navigation bar includes 'PESQUISAR', 'GRÁFICO', 'CONTEXTO', and 'AJUDA'. The search section on the left has a search box containing '[andar]', a '[POS]' dropdown, and buttons for 'Pesquisar' and 'Apagar'. Below the search box are links for 'Seções', 'Virtual', 'Ordem/Limite', and 'Opções'. The help section on the right, titled '(OCULTAR AJUDA)', contains text about the corpus size (45 million words) and provides instructions on how to use the interface.

Fonte: Site *Corpus* do Português.

Na tela subsequente (Cf. Figura 10), ilustramos o filtro adotado para restringir a busca apenas aos dados do PB e aos dois séculos estabelecidos para compilação nessa base de dados.

Figura 10 – Resultado de busca chave [estar] *corpus* /Gênero Histórico - *Corpus* do Português

The screenshot shows the search results table for the key '[estar]'. The table has columns for 'SEÇÃO', 'FREQ', 'TAMANHO', 'POR MILHÃO', and 'CLIQUE PARA CONTEXTO (VER TODOS)'. The row for 's20' is highlighted with a red box, and a red label 'Resultado do Filtro marcado para o séc. XX' points to it. The row for 'BRAS' is highlighted with a black box, and a black label 'Filtro para dialeto' points to it.

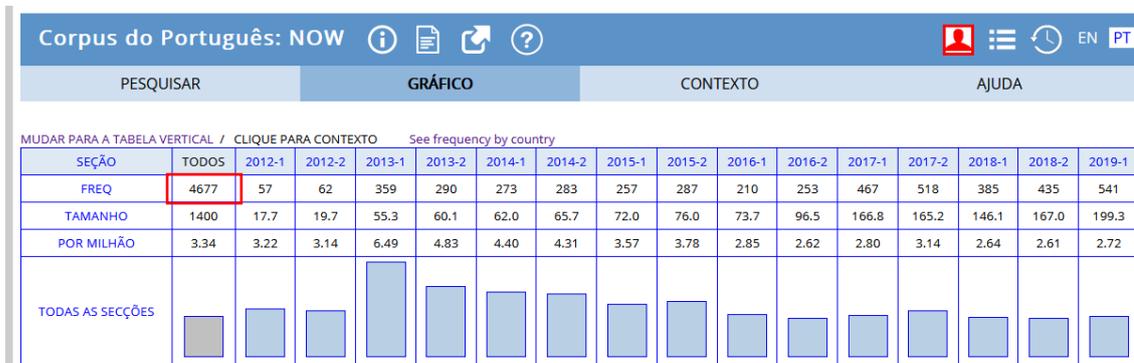
SEÇÃO	FREQ	TAMANHO	POR MILHÃO	CLIQUE PARA CONTEXTO (VER TODOS)
s13	0	0.6	0.00	
s14	0	1.3	0.00	
s15	0	2.8	0.00	
s16	0	4.3	0.00	
s17	0	3.3	0.00	
s18	0	2.2	0.00	
s19	0	9.7	0.00	
s20	52,863	20.3	2,608.69	
PORT	0	10.2	0.00	
BRAS	52,863	10.0	5,260.71	

Fonte: Site *Corpus* do Português.

Dando sequência à coleta, buscamos no *corpus* histórico as duas outras chaves: [andar] [v*g] e [estar] [v*g]. Essa parte da coleta visou a subsidiar a análise qualitativa dos dados, mais especificamente em relação à variação das construções, e, assim como adotado para as formas simples dos verbos estudados, coletamos os 50 (cinquenta) primeiros dados de cada construção em cada século, respectivamente, XIX e XX.

Concluída essa etapa, recorreremos à interface *Now*, para coleta dos dados do século XXI, e repetimos os mesmos procedimentos de busca adotados para os séculos XIX e XX, quais sejam, coleta de formas simples e de construções, ambas restritas à variedade do PB, até o limite de 50 (cinquenta) dados de cada chave de busca. A diferença em relação aos demais séculos é que, conforme Figura 11, essa interface dispõe os dados por semestres e, se optássemos pelas primeiras ocorrências do contexto de busca, ficaríamos restritas ao primeiro semestre de 2012. Assim, visando a contemplar todo o período (2012-2019), os dados foram, então, coletados manualmente, mantendo-se uma média de 6 (seis) dados para cada um dos 8 (oito) anos disponibilizados, extraído-se 8 (oito) dados do último ano.

Figura 11 – Resultados da chave [andar] [vpp**] na interface NOW do *Corpus do Português*



Fonte: Site *Corpus do Português*.

Importante registrar que o sistema de busca adotado nos levou a alguns dados que não correspondiam a nosso objeto de estudo, o que nos obrigou a descartá-los e a seguir com a busca até alcançar o limite de 200 dados por século. Entre tais dados foram descartados tanto [andar] e [estar] flexionados no futuro do presente (Cf. (01)) e no futuro do pretérito (Cf. (02)), que “em si não marcam qualquer aspecto” (TRAVAGLIA, 1985, p. 153), quanto [andar] e [estar] em função de palavra substantivada (Cf. (03)):

(01) “Mal empregado dinheiro! Mais avisado **andaria comprando** veneno para os ratos ou gastando-o com os outros irmãos [...]” (Século XX, grifo nosso).

(02) “A empresa, representante da matriz em Portugal, **estará exibindo** seu sistema de informatização para esses estabelecimentos. Com ele, comandas de rádio [...]” (Século XX, grifo nosso).

(03) “[...] segmentos da direita enrustida e raivosa brasileira, não tolera que o **andar** de baixo tenha autonomia.” (Século XXI, grifo nosso).

Observados todos esses critérios, chegamos, assim, a um total de 600 (seiscentos) dados, conforme descrito na tabela a seguir:

Tabela 1 – Quantitativo de dados por século do estudo

Chave de busca	Séc. XIX	Séc. XX	Séc. XXI	Total
[andar]	50	50	50	150
[estar]	50	50	50	150
[andar] [v*g]	50	50	50	150
[estar] [v*g]	50	50	50	150
Total de dados				600

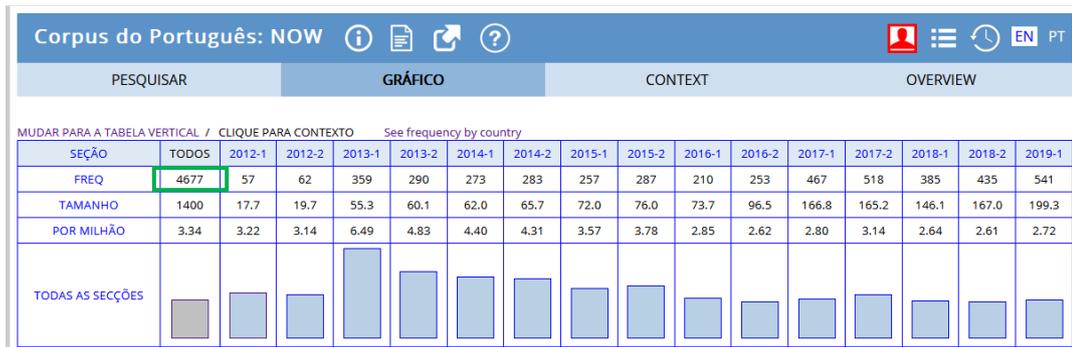
Fonte: Elaborado pela autora.

3.3 Da tipologia de pesquisa adotada e dos critérios de categorização e análise dos dados

Em razão dos objetivos estabelecidos, decidimos por um estudo quantitativo e qualitativo. Assim sendo, empreendemos primeiramente uma análise quantitativa, utilizando exclusivamente os primeiros 300 dados das chaves [andar] e [estar] para cada século, para identificar a produtividade dos verbos em suas funções lexicais e gramaticais, bem como eventuais contextos de reanálise da construção, com vistas a verificar qual delas se encontra mais gramaticalizada na língua.

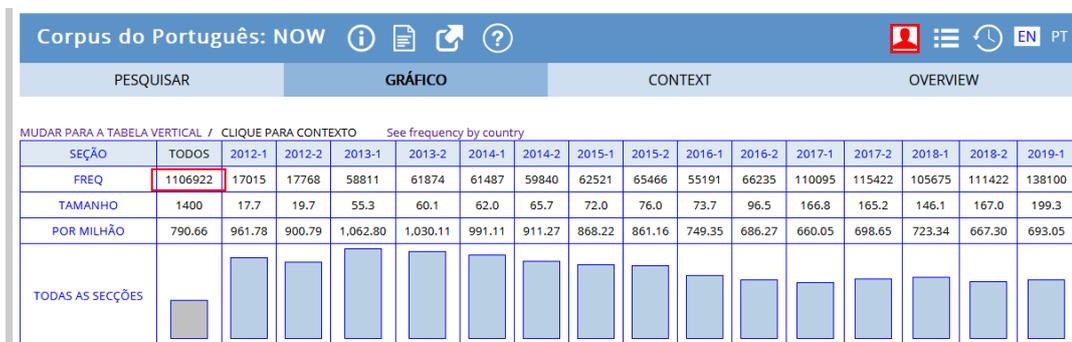
Não incluímos as 300 construções na análise quantitativa, porque, como foram coletadas com chave de busca específica, não haveria um modo de mensurar, apenas com base na análise quantitativa de nossos dados, qual delas era mais produtiva na língua. Para conhecer acerca da produtividade das construções, valemo-nos de outro recurso, qual seja, a análise dos gráficos de busca fornecidos pela plataforma, conforme Figuras 12 e 13 a seguir:

Figura 12 – Total de ocorrências da construção [V1andar+V2GERÚNDIO]



Fonte: Site *Corpus do Português* (adaptado pela autora).

Figura 13 – Total de ocorrências da construção [V1estar+V2 GERÚNDIO]



Fonte: Site *Corpus do Português* (adaptado pela autora).

Nossa análise quantitativa foi subdividida em etapas. A primeira delas consistiu na separação das formas simples dos verbos selecionados para o estudo, quais sejam, *andar* e *estar*, respectivamente, das construções formadas por tais verbos mais a forma nominal de gerúndio.

Procedemos, então, à categorização das formas simples dos verbos em duas classes: (i) verbo significativo, quando a forma verbal carrega ainda sua propriedade de referência extralinguística, denotando estaticidade (*estar*) ou movimento (*andar*), conforme ilustrado, respectivamente em (04) e em (05); e (ii) verbo relacional, quando a forma verbal, destituída de sua propriedade de referência extralinguística, já se tornou um instrumento gramatical, a exemplo dos dados (06) e (07):

(04) “[...] diante das portas dos quartos de vestir e de dormir da Senhora, sempre **andava** nas pontas dos pés [...]” (Século XX, grifo nosso)

(05) “[...] conforme o que ele resolver, amanhã **estaremos** em sua fazenda, para fazer-lhe o pedido com as cerimônias do costume [...].” (Século XIX, grifo nosso).

(06) “[...] velha pata chocando alguns ovos que pusera, deitada num ninho de folhas. E **andava** muito intrigada, meio desapontada, por causa dum ovo, um só ovo [...]” (Século XIX, grifo nosso).

(07) “A noite **estava** pura e serena como na véspera, as estrelas luziam no céu azul [...]” (Século XIX, grifo nosso).

Essa primeira categorização visou a dar conta de dois objetivos: (i) verificar em que categoria (lexical ou gramatical) os verbos selecionados pelo estudo são mais produtivos na língua e (ii) tentar identificar o contexto de reanálise da construção, de modo a conhecer se a forma que se gramaticalizou como auxiliar nas construções aspectuais estudadas é o verbo lexical ou o verbo relacional.

Nossa expectativa era a de que se trata de um processo de gramaticalização do [- gramatical] para o [+ gramatical], ou seja, o verbo de ligação, que já tem função de marcador aspectual na língua, se junta ao gerúndio, para formar uma construção aspectual, categoria exemplificada pelos dados (08), (09), (10) e (11), a seguir:

(08) “[...] eu não lhe tenho dito cem vezes que aquela moça **anda trabalhando** por desinquietar a meu primo. (Século XIX, grifo nosso).

(09) “[...] só quem está lá é o Da Brisa, por uma de suas tramóias. **Andou vendendo** um Santo Antônio que ele mesmo fez, imagem merecida.” (Século XX, grifo nosso).

(10) “[...] O Orçamento Geral da União para 1995, que **está tramitando** no Congresso, contém distorções na previsão de gastos com o funcionalismo.” (Século XX, grifo nosso).

(11) “A gente sabia que seria muito difícil pois já **estávamos sentindo** um certo cansaço. Mesmo depois de termos garantido a classificação, nós treinamos [...]” (Século XXI, grifo nosso).

A análise qualitativa dos dados buscou responder à nossa principal questão de pesquisa, isto é, as construções [V1*andar*+V2GERÚNDIO] e [V1*estar*+V2 GERÚNDIO] são formas variantes para a marcação do aspecto na língua portuguesa? Para avaliar essa possível variação e responder à questão formulada, valemo-nos do recurso da comutação entre as duas construções, verificando se a substituição de uma pela outra preservava ou não o mesmo valor de verdade no contexto. Segundo Jean Dubois *et al.* (1978), o teste de comutação

é uma prova (teste) que deve servir para mostrar se a substituição de um elemento por outro, no plano da expressão, num nível determinado (fonema, morfema etc.) acarreta uma diferença no plano do conteúdo ou, inversamente, se a substituição de um elemento por outro, no plano do conteúdo, se manifesta por uma diferença no plano da expressão [...] A comutação é, pois, a operação pela qual o linguista verifica a identidade paradigmática de duas formas da língua (DUBOIS *et al.*, 1978, p. 134).

Nesse viés, nossa análise qualitativa será pautada pelo entendimento de Willan Labov (1978), de que quando “dois enunciados se referem ao mesmo estado de coisas, possuem um mesmo valor de verdade²²”. Esse recurso foi também aplicado às formas gramaticais simples, para verificarmos se, em algum estágio do processo de gramaticalização anterior à construção, era possível identificar variação entre [andar] e [estar].

3.4 Do teste de significância adotado

Como já antecipado, nossos dados foram submetidos a um teste de significância estatística que, em sua essência, é “um modo de estimar a probabilidade de se obter determinada distribuição de dados pressupondo certas características quanto à natureza da fonte de onde os dados foram extraídos” (GUY; ZILLES, 2007, p.85). Conforme Guy e Zilles (2007), os testes estatísticos de significância fornecem valores padronizados de referência que podem ser comparados com as distribuições conhecidas para avaliar a probabilidade, ou valor de *p*, de que os dados observados provenham de tal distribuição.

²² Though formal linguistics recognizes the existence of expressive and affective information, these are in practice subordinated to what Bühler (1934) called "representational meaning" or what I will call "states of affairs." To be more precise, I would like to say that two utterances that refer to the same state of affairs have the same truth-value and follow Weinreich in limiting the use of "meaning" to this sense (LABOV, 1978, p. 7).

Em geral, esses testes são expressos com referência à hipótese nula, ou H_0 , que sempre afirma que não há nada em processo, que a fonte da distribuição é estável e que não há influência entre as variáveis dependente e independentes²³.

A estatística de significância é geralmente expressa em termos da probabilidade de que a hipótese nula seja verdadeira; é convencionalmente representado como p . Se esse número é pequeno, significando que a hipótese nula é improvável, então os resultados são considerados 'estatisticamente significativos', e isso quer dizer que é razoável pensar em alguma outra hipótese sobre a natureza do universo. "Pequeno", nesse contexto, geralmente é um valor menor do que 0,05 ou 0,01. Dito de outra forma, se há menos do que 5% ou 1% de chance de que os dados tenham sido extraídos de um universo em que a hipótese nula seja verdadeira, isso significa que há 95% ou 99% de chance de que o universo-fonte realmente tenha uma distribuição dos dados diferente daquela prevista pela hipótese nula, tal como efeito real e significativo de alguma variável independente sobre a variável dependente (GUY; ZILLES, 2007, p.86).

Isso posto, elegemos o teste do qui-quadrado para mensurar a significância estatística de nossos resultados. Segundo os autores ora referenciados, tal teste é um procedimento útil para calcular a probabilidade de a hipótese nula ser verdadeira. Assim, o qui-quadrado pode fornecer uma quantificação de distribuições ao longo de um contínuo que vai da distribuição equilibrada prevista pela hipótese nula até a distribuição categórica, totalmente instável. Dessa forma, ao usarmos essa quantificação, com base nas amostras, é possível inferir sobre os resultados. Ao considerarmos que o valor de p fica num contínuo, a prática normal do trabalho estatístico é concluir que um resultado é significativo entre 0,05 ou 0,01, como critério de significância, conforme explicam Guy e Zilles (2007, p. 96):

A prática normal no trabalho estatístico é estabelecer um valor de 0,05 ou 0,01 como critério de significância, que implica rejeitar a hipótese nula quando ela tem menos de uma chance em vinte ($p < 0,05$) ou menos de uma chance em cem ($p < 0,01$) de ser verdadeira (GUY; ZILLES, 2007, p.96).

Com o qui-quadrado, que é aplicado quando estão em comparação dois ou mais grupos independentes, não necessariamente do mesmo tamanho, "a estatística nos diz apenas se a

²³ Since the principal aim of this investigation is to understand the evolution of language, and not the evolution of society, the analysis of this volume will begin with the more straightforward procedure of defining **the linguistic variables as the dependent variables**, and **social factors as the independent variables**. The primary task is to find out what factors determine the level of the linguistic variables, rather than to construct a new analysis of social life on the basis of linguistic behavior (LABOV, 2001, p.59).

associação entre variáveis é significativa, enquanto a natureza da associação deve ser determinada pela inspeção dos valores originais” (GUY; ZILLES, 2007, p.97). Sendo assim, nesta pesquisa utilizamos o teste qui-quadrado para identificarmos o valor de p e verificar se a possível variação é estatisticamente significativa.

Descritos os procedimentos metodológicos por nós adotados, passamos, no próximo capítulo, à apresentação e à análise de nossos resultados, iniciando pela análise quantitativa, à qual se seguirá da análise qualitativa.

CAPÍTULO 4

DA ANÁLISE DOS DADOS E DOS RESULTADOS

Iniciaremos a análise dos dados obtidos com a coleta realizada no sítio *Corpus do Português*, a partir do quinto objetivo norteador deste trabalho, em que buscamos estatisticamente verificar a produtividade dos verbos *andar* e *estar*, quando esses se encontravam em funções lexicais e em funções gramaticais, além da tentativa de identificar o período de início de uma possível variação das formas e a fonte do processo de gramaticalização do auxiliar. Nossa expectativa inicial era a de que o verbo *estar* se encontrava mais gramaticalizado na língua, sendo, portanto, majoritariamente empregado na função gramatical, enquanto o verbo *andar* estaria menos gramaticalizado e, portanto, com tendência a aumentar sua frequência gramatical no curso do tempo.

Passamos, na sequência, à parte qualitativa da análise, que congrega nosso objetivo principal, qual seja, investigar uma possível concorrência entre as construções [ANDAR + GERÚNDIO] e [ESTAR + GERÚNDIO] na marcação do aspecto. Nossa expectativa é de que, caso seja validada a hipótese, haja um aumento diacrônico na frequência das construções cujo V1 é *andar*, o que se fará refletir de modo inverso naquelas construções introduzidas pelo verbo *estar*. Isso porque, conforme Poplack (2012),

a interpretação variacionista da mudança envolve o aumento progressivo do conjunto de expressões variantes de um significado ou função, até que uma forma termine por eliminar sua forma concorrente. Isso resulta no fato de que a maneira mais simples de detectar a mudança é através das taxas de variação, como faz a maioria dos estudos de gramaticalização (POPLACK, 2012, p.176, tradução nossa²⁵).

Nessa perspectiva, verificar o que acontece na estrutura da língua, durante a competição entre as formas, no caso, as duas construções em análise, pode evidenciar a mudança linguística,

²⁵ The standard variationist construal of change involves the progressive increase of one of a set of variant expressions of a meaning or function until it ousts its competitors from the grammatical sector. It follows that the most straightforward way of tracing change is by rate, and this is what most grammaticalization studies do (e.g. Hundt 2001; Krug 2000; Macaulay 2006; Mair 2004, to name but a very few). But since grammaticalization involves a specific type of change (i.e. lexical to grammatical and grammatical to more grammatical), it is particularly instructive to examine what happens to the structure of the grammar during the course of the change, when a number of layers/variants are still extant. The idea is not just to record the grammaticalizing form, but to compare the structure of the context hosting it at each stage over as long a time frame as possible.

quando uma forma se sobrepõe a outra, ou então, há coexistência entre as formas em um mesmo período.

4.1 Da produtividade lexical e gramatical das formas verbais *andar* e *estar*

Conforme descrito no capítulo de metodologia, nossa análise quantitativa compreende um total de 300 dados, já que a coleta específica das construções será considerada apenas para fins da análise qualitativa, sob pena de falsearmos os resultados, já que computar no total geral as 300 ocorrências das construções elevaria consideravelmente a frequência gramatical. Isso posto, apresentamos, na tabela a seguir, nossos resultados gerais, cuja significância estatística foi atestada pelo teste do qui-quadrado em todos os contextos analisados:

Tabela 2 – Produtividade das formas lexicais e gramaticais de *andar* e *estar*

	FORMA LEXICAL		FORMA GRAMATICAL						Total de dados das Chaves de busca [ANDAR] e [ESTAR]
	Teste Qui-Quadrado P [ANDAR] x [ESTAR] Lexical (a) p-valor 0,0302674804		VERBO RELACIONAL Teste Qui-Quadrado P [ANDAR] x [ESTAR] Relacional (b) p-valor 0,0038744371		VERBO AUXILIAR Teste Qui-Quadrado P [ANDAR] x [ESTAR] Auxiliar (c) p-valor 0,0228018466		TOTAL GRAMATICAL		
Séculos	ANDAR	ESTAR	ANDAR	ESTAR	ANDAR	ESTAR	ANDAR	ESTAR	
Séc. 19	25 (50%)	21 (42%)	12 (24%)	17 (34%)	13 (26%)	12 (24%)	25 (50%)	29 (58%)	
Séc. 20	36 (72%)	18 (36%)	6 (12%)	24 (48%)	8 (16%)	8 (16%)	14 (28%)	32 (64%)	
Séc. 21	41 (82%)	14 (28%)	2 (4%)	17 (34%)	7 (14%)	19 (38%)	9 (18%)	36 (72%)	
	102	53					48	97	
	51,66%						48,34%	100%	

Fonte: Elaboração própria.

Os dados dispostos na tabela acima acusam um processo de gramaticalização já bastante adiantado, dado que identificamos uma frequência muito próxima entre os usos lexicais e gramaticais das formas analisadas. Fica claro, a partir desses resultados, que, confirmando nossa hipótese inicial, os usos lexicais são alavancados pelo verbo *andar* (65,80% da frequência total) e que, portanto, o verbo *estar* é majoritariamente empregado na língua contemporânea em função gramatical, quer como verbo relacional (Cf. 01), quer como verbo auxiliar de construção aspectual (Cf. 02):

(01) “Afinal, ela **está** interessada em ingressar no mercado de musicais. Resolvi me preparar.” (Século XXI, grifo nosso).

(02) “[...] assumiu uma autoridade sem precedentes desde as épocas de Mao e Deng. **Está fomentando** a ideia de um sonho chinês, para galvanizar a população sob sua liderança [...]” (Século XXI, grifo nosso).

O verbo *andar*, por seu turno, é muito produtivo na função lexical de conotar deslocamento físico no espaço (Cf. 03) e, em se tratando da função gramatical, é mais produtivo como auxiliar aspectual (Cf. 04) que como verbo relacional (Cf. 05):

(03) “Guimaraes Rosa **andava** sempre com um bloquinho e ia anotando os casos que ouvia” (Século XX, grifo nosso).

(04) “A diferença é que uma esperou quieta o que o outro **andou buscando** por montes e vales; no mais, igual equívoco, igual conflito [...]” (Século XIX, grifo nosso).

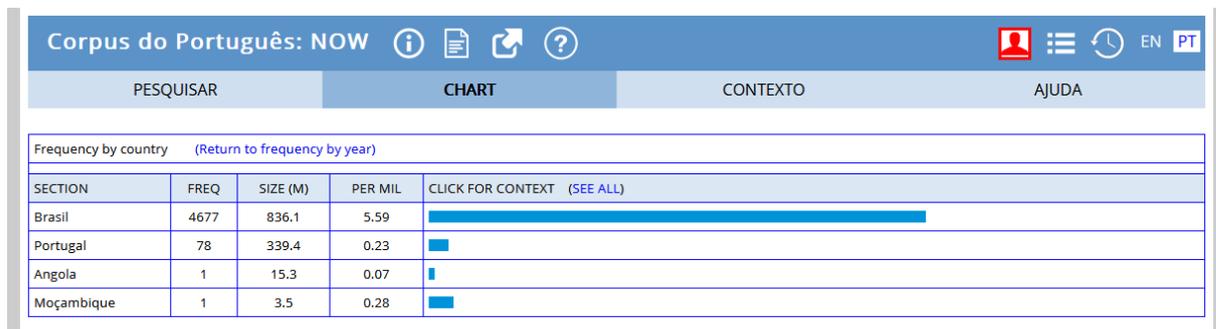
(05) “Abatido, muito nervoso, relutava em ir ao encontro dum pessoal que **andava** exaltadíssimo e vinha tomando atitudes de audácia crescente” (Século XX, grifo nosso).

Em se tratando especificamente das construções de que nos ocupamos, representadas na tabela pela frequência dos verbos auxiliares, a maior produtividade é também daquelas introduzidas pelo verbo *estar*, o que é atestado tanto pelo *p*-valor obtido com o teste de significância estatística do qui-quadrado ($p < 0,05$), quanto pelo total geral de dados identificados no período delimitado para o estudo. A chave de busca utilizada para localizarmos a construção [V1*andar*+V2GERÚNDIO] possibilitou-nos identificar 317

ocorrências no século XIX, 250 no século XX (interface histórica) e 4.677 no século XXI (interface *Now*). No caso da construção [V1*estar*+V2GERÚNDIO], chegamos a um total de 4.087 ocorrência no século XIX, de 12.664 no século XX (interface histórica) e de 1.106.922 ocorrências no século XXI (interface *Now*). Outra informação quantitativa obtida a partir da chave de busca específica para captura das construções foi que estas são muito mais produtivos no Português Brasileiro comparado a Portugal, Angola e Moçambique (Cf. Figuras 14 e 15).

Outra informação observada, a título de curiosidade, pois não integrava os objetivos da pesquisa, foi a identificação do ranking de produtividade das construções em relação ao V2 (Cf. Figuras 16 e 17). Segundo pudemos observar, a construção [V1*andar*+V2GERÚNDIO] é mais frequente com V2*fazer* (anda fazendo, andam fazendo, andou fazendo), que ocupou a primeira, a terceira e a sexta posição do ranking de ocorrências. Já a construção [V1*estar*+V2GERÚNDIO] é mais produtiva quando V2 é o verbo *ser*, embora o verbo *fazer* também tenha se mostrado produtivo, ocupando o segundo lugar do ranking de produtividade.

Figura 14 – Comparativo de ocorrências da construção [V1*andar*+V2GERÚNDIO] entre países falantes de língua portuguesa



Fonte: Site *Corpus do Português*.

Figura 15 – Comparativo de ocorrências da construção [V1estar+V2GERÚNDIO] entre países falantes de língua portuguesa

SECTION	FREQ	SIZE (M)	PER MIL	CLICK FOR CONTEXT (SEE ALL)
Brasil	1106922	836.1	1,323.97	
Portugal	7963	339.4	23.46	
Angola	265	15.3	17.27	
Moçambique	642	3.5	182.00	

Fonte: Site *Corpus do Português*.

Figura 16 – Ranking de ocorrências da construção [V1andar+V2GERÚNDIO]

	CONTEXTO	FREQ	TOTAL 4,677 UNIQUE 1,494 +
1	ANDA FAZENDO	322	
2	ANDA ACONTECENDO	80	
3	ANDAM FAZENDO	72	
4	ANDA SENDO	65	
5	ANDAM DIZENDO	52	
6	ANDOU FAZENDO	52	
7	ANDA CIRCULANDO	51	

Fonte: Site *Corpus do Português*.

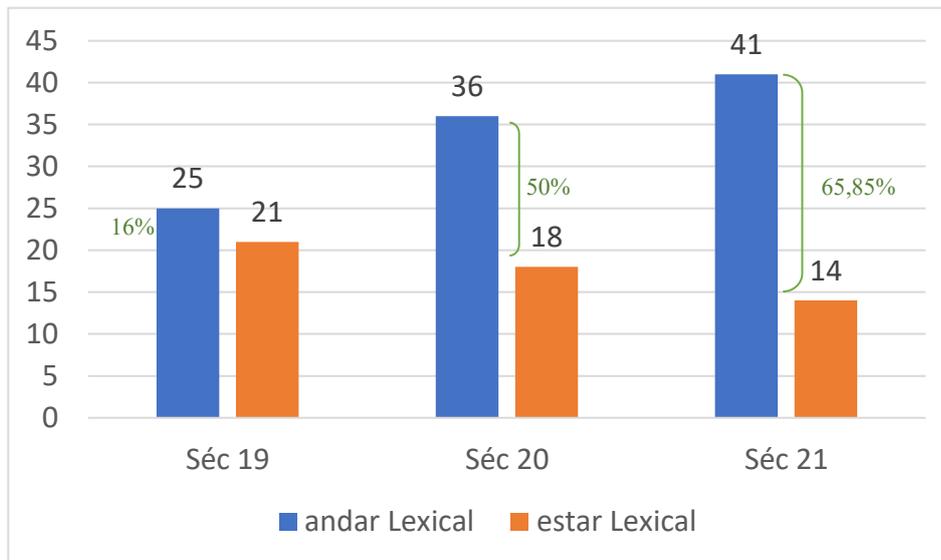
Figura 17 – Ranking ocorrências da construção [V1estar+V2GERÚNDIO]

	CONTEXTO	FREQ	TOTAL 1,098,649 UNIQUE 16,923 +
1	ESTÁ SENDO	90194	
2	ESTÃO SENDO	58758	
3	ESTÁ FAZENDO	18847	
4	ESTAVA SENDO	15977	
5	ESTÁ ACONTECENDO	15002	
6	ESTÃO FAZENDO	9168	

Fonte: Site *Corpus do Português*.

Tendo em conta essas informações preliminares e visando a uma descrição mais pormenorizada dos usos das formas em estudo, empreendemos uma análise comparativa das frequências ao longo do período estudado, conforme passamos a analisar a partir dos dados dispostos no gráfico 01:

Gráfico 1 – Análise comparativa da produtividade de [ANDAR] e [ESTAR] na forma lexical

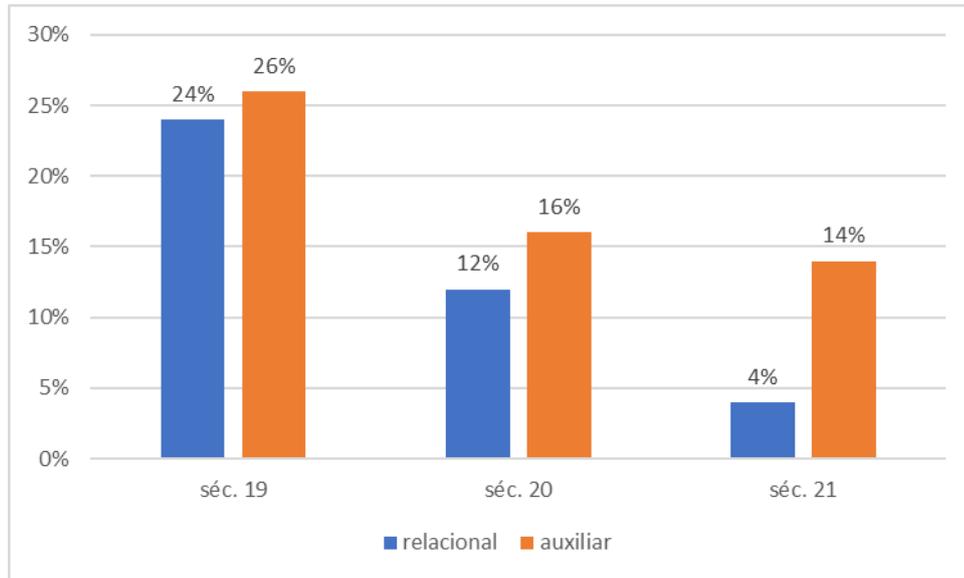


Fonte: Elaboração própria.

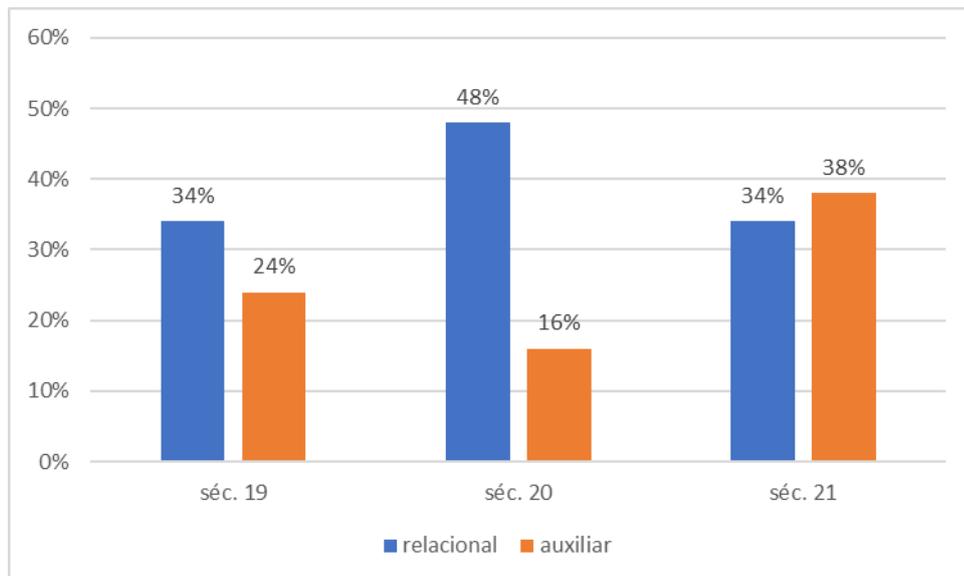
Os dados apresentados no gráfico, que representam a diferença percentual²⁶ entre as duas formas lexicais no período em análise, mostram não apenas a maior produtividade lexical do verbo *andar*, como também que ela vem se expandindo na língua, ao longo dos últimos três séculos. Em contrapartida, há uma redução dos usos lexicais de *estar*. O gráfico mostra ainda que a frequência desse verbo é mais estável, pois oscila menos de um século para o outro. Além disso, os resultados evidenciam que, no século XIX, as duas formas verbais apresentavam frequências lexicais bastante próximas, o que mudou a partir do século XX e se acentuou no século XXI.

Para tentar entender melhor esse quadro, necessário se faz voltar a atenção para a contraface gramatical de ambas as formas, não nos esquecendo de que esta envolve dois estágios: (i) verbo relacional [-gramatical] e (ii) verbo auxiliar [+gramatical]. Observemos como cada uma das formas se comporta, a partir dos resultados sistematizados nos gráficos 02 e 03:

²⁶ Em matemática, o conceito de variação percentual é usado para descrever a relação entre dois valores: um menor e um maior. Para encontrar a porcentagem de aumento, usa-se a fórmula **Varição percentual = (maior valor – menor valor)*100 ÷ menor valor**. Para encontrar a porcentagem de redução, usa-se a fórmula **Varição percentual = (maior valor – menor valor)*100 ÷ maior valor**.

Gráfico 2 – Frequência gramatical de *andar* na diacronia estudada

Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 3 – Frequência gramatical de *estar* na diacronia estudada

Fonte: Elaboração própria.

Os dados dispostos nos gráficos 02 e 03 confirmam uma maior estabilidade das formas no século XIX, quando também os percentuais das funções gramaticais tanto de *andar* quanto de *estar* estavam mais equilibrados. Os gráficos revelam ainda que gramaticalmente as duas formas apresentam padrões distintos, já que o verbo *andar* é mais produtivo na função de verbo auxiliar, enquanto o verbo *estar* o é na função de verbo relacional, com exceção apenas do século XXI, em que se verifica uma pequena diferença entre os valores percentuais das

duas funções. Avaliamos que essa diversidade funcional é, de certo modo, previsível, e entendemos que a maior produtividade de *estar* na categoria de verbo relacional esteja associada à sua função prototípica de verbo de ligação, que é muito mais evidente que sua função lexical de denotar a estaticidade. Por outro lado, o verbo *andar* é prototipicamente um verbo de movimento, empregado para denotar deslocamento no espaço. Assim, seu percurso mais natural de abstração no contínuo da gramaticalização é passar a conotar movimento no tempo, o que contribui para sua recategorização como um auxiliar aspectual.

Tomando por parâmetro a diferença percentual entre as duas formas, verificamos que a produtividade da função relacional de *estar* foi 29,41% superior no século XIX, 72,92% no século XX e 88,23 no século XXI. No tocante à produtividade da categoria auxiliar, percebemos uma sutileza no que se refere às diferenças percentuais nos séculos XIX e XX, pois *andar* foi apenas 7,69% mais produtivo que o verbo *estar* no século XIX e, no século XX, não verificamos nenhuma diferença, já que os percentuais foram coincidentes, conforme tabela 01. Todavia notamos uma expansão expressiva da função auxiliar de *estar* no século XXI (63,16% de diferença percentual em relação ao século anterior), enquanto o verbo *andar* mantém percentuais de frequência muito próximos no mesmo período.

Tendo alcançado os objetivos a que nos propusemos no que toca à análise quantitativa dos dados, quais sejam, descrever a produtividade das formas e de suas respectivas funções na língua, dedicar-nos-emos, na próxima seção, à análise qualitativa, cujo principal objetivo é avaliar a hipótese de uma possível variação e concorrência entre as construções aspectuais cujos auxiliares são, respectivamente, *estar* e *andar* seguidos de forma nominal de gerúndio. Considerando os possíveis percursos de gramaticalização das formas, conforme descrito no capítulo segundo, buscaremos avaliar também a possível variação entre *andar* e *estar* enquanto verbos relacionais, de modo a tentar entender a origem da gramaticalização, isto é, se o auxiliar provém da forma lexical ou da forma relacional.

4.2 Da possível variação entre as formas/construções

Uma vez examinada a produtividade das formas de que nos ocupamos na sincronia estabelecida para o estudo, nesta seção, exploraremos qualitativamente a hipótese da variação entre as construções, no intuito de atendermos ao objetivo principal desta pesquisa. Especulamos, inicialmente, se existe variação entre *andar* e *estar* quando estes verbos são

formas relacionais e, como tais, marcadores de aspecto. Conforme proposto por Melo (1970) e por Costa (2002), os verbos relacionais são variantes aspectuais do verbo *ser*, o que abre precedente para o serem também entre si. Se assim o for, é possível entender o processo de gramaticalização dos auxiliares aspectuais integrantes das construções analisadas como resultante de um estágio [-gramatical] para um [+gramatical] (Cf. COELHO e VITRAL, 2010), o que cria a expectativa de uma possível variação na construção ser oriunda de uma variação já existente no estágio relacional.

Tomando por base o trabalho de Coelho e Tenuta (2020), que, ao estudarem a gramaticalização de [verbos de movimento + gerúndio] para expressão do aspecto no português, encontraram peculiaridades no verbo *andar* que, segundo avaliam, decorrem do fato de sua fonte de gramaticalização ser o verbo relacional e não o lexical, buscamos evidências para essa tese, que dialoga intimamente com nossa hipótese. Tais evidências puderam ser identificadas nos dados obtidos por meio das chaves de busca [estar] e [andar] no *Corpus do Português*, conforme passamos a explorar, a partir dos dados a seguir:

(06) “[...] se o tirares e se não chover, empresta-mo porque **estou precisado** duma gravata” (Século XIX, grifo nosso).

(07) “[...] teria tempo para tingir o cabelo, que **estava precisado** [...]” (Século XX, grifo nosso).

(08) “[...] aquela moça **estava precisada** dos socorres extremos da religião [...]” (Século XIX, grifo nosso).

(09) “**Andava precisada** de botinas [...]” (Século XIX, grifo nosso).

Se, nos contextos acima, substituirmos a forma nominal de particípio – de valor adjetivo e que acompanha, portanto, o verbo relacional – pela forma nominal de gerúndio, não haverá alteração do valor de verdade das sentenças, o que atesta não apenas que as construções [*estar* + particípio] e [*andar* + particípio] são variantes linguísticas das construções de que nos ocupamos neste estudo, como também que, de fato, a fonte de *estar* e de *andar* que foi reanalisado como auxiliar aspectual numa construção de gerúndio é mesmo o verbo relacional, que já traz para a nova construção sua propriedade de denotar aspecto:

(06) a. [...] empresta-mo porque **estou precisando** duma gravata [...].

(07) a. [...] teria tempo para tingir o cabelo, que **estava precisando** [...]

(08) a. [...] aquela moça **estava precisando** dos socorros extremos da religião [...].

(09) a. **Andava precisando** de botinas [...].

Atestada a fonte relacional dos dois auxiliares, antes de passarmos propriamente à avaliação da hipótese da possível concorrência entre as construções, buscaremos averiguar se *andar* e *estar* relacionais apresentam contextos de variação.

4.2.1 Verbos *andar* e *estar* relacionais

Embora não seja legítimo imaginar uma possível concorrência entre as formas *andar* e *estar* em seus usos lexicais, já que aquele denota movimento e este uma situação mais estática, quando se gramaticalizam em verbos relacionais, tal possibilidade merece ser considerada, o que passamos a avaliar a partir da análise dos dados que se seguem:

(10) a. “**Andava** preocupado e melancólico, sem apetite, passando horas compridas no cemitério [...]” (Século XIX, grifo nosso).

(10) b. **Estava** preocupado e melancólico, sem apetite, passando horas compridas no cemitério [...].

(11) a. “Parece-me que **anda preocupada** com alguma coisa, que esconde” (Século XX, grifo nosso).

(11) b. Parece-me que **está preocupada** com alguma coisa, que esconde.

(12) a. “**Estava farto** de política, de literatura [...]” (Século XX, grifo nosso)

(12) b. **Andava farto** de política, de literatura.

(13) a. “[...] ele **está decidido** a não frequentar as aulas.” (Século XX, grifo nosso)

(13) b. [...] ele **anda decidido** a não frequentar as aulas.

(14) a. “Aproximou-se a noite. José Fortunato foi pontual. Cecília **estava** cada vez mais **agitada**; o coração era-lhe disputado por esperanças, misturadas de receio [...]” (Século XIX, grifo nosso).

(14) b. Aproximou-se a noite. José Fortunato foi pontual. Cecília **andava** cada vez mais **agitada**; o coração era-lhe disputado por esperanças, misturadas de receios [...].

A análise dos contextos acima mostra que, embora o verbo relacional marque aspecto, a substituição de uma forma pela outra não assegura o mesmo valor de verdade, já que *estar* impinge à construção aspectual uma duração mais limitada que *andar*, que faz pressupor uma iteratividade e, portanto, uma duração mais prolongada, pautada na repetição. Além disso, em (14), a substituição provoca ambiguidade quanto à natureza relacional ou lexical do verbo *andar*, que pode evocar tanto um deslocamento no tempo interno do evento, quanto um deslocamento físico no espaço. Outra evidência que coloca em xeque a possibilidade de variação ente as formas relacionais é o fato de que o valor de verdade dos enunciados em (10) poder ser admitido se houver na sentença um termo de valor temporal, conforme ilustrado a seguir:

(10) c. **Desde que a mãe morrera**, andava preocupado e melancólico, sem apetite, passando horas compridas no cemitério [...].

(10) d. **Desde que a mãe morrera**, estava preocupado e melancólico, sem apetite, passando horas compridas no cemitério [...].

Isso mostra que a equivalência não é assegurada pelo verbo relacional, mas pela expressão adverbial, que se encarrega de ampliar o limite temporal do evento, acendendo, assim, o alerta para a impossibilidade de variação no âmbito das construções ou ainda para a existência de contextos que a restrinjam, fenômenos que serão abordados na próxima subseção.

4.2.2 Análise das construções lexicais [V1*andar*+V2GERÚNDIO] e [V1*estar*+V2GERÚNDIO]

Antes de apresentarmos os resultados relativos à comutação paradigmática realizada com as 300 (trezentas) construções coletadas com chave de busca específica, consideramos relevante registrar alguns fatos identificados. Conforme Coelho (2010, p. 338), no percurso da gramaticalização, “ao mesmo tempo em que o verbo pleno perde alguns de seus semas para se tornar uma categoria funcional, em decorrência de sua abstração, ele também incorpora outros, o que aumenta o seu leque semântico, tornando-o, dessa forma, mais polissêmico”. Isso pôde ser confirmado em nosso estudo, já que encontramos, em meio aos dados coletados nos séculos XX e XXI, alguns contextos em que as construções de que nos ocupamos funcionam como expressão idiomática e, nesses casos, a comutação entre elas parece preservar o mesmo valor de verdade:

(15) a. “Hoje em dia padre **anda podendo**, ou não? - Tenho que ir. - Vou com o senhor. Pareceu-lhe que o padre dispensava sua companhia.” (Século XX, grifo nosso)

(15) b. “Hoje em dia padre **está podendo**, ou não? [...]” (comutação, grifo nosso).

(16) a. “[...] agora tem a companhia de a Tiger 800XC, que chegou depois e por isso tenta se afirmar com um preço menor, **deve estar podendo**.” (Século XXI, grifo nosso)

(16) b. “[...] agora tem a companhia de a Tiger 800XC, que chegou depois e por isso tenta se afirmar com um preço menor, **deve andar podendo**.” (comutação, grifo nosso).

A análise dos contextos acima sinaliza um processo de variação entre as duas construções, embora a construção [estar podendo] nos pareça mais natural. Tal naturalidade fica mais sensível em 16.b., mas pode ser influência do verbo *dever*, que também integra a construção. Fato é que as expressões idiomáticas “(es)tá podendo” e “anda podendo” parecem-nos muito produtiva na língua, sobretudo em contextos de oralidade, que não foram explorados em nosso estudo. Fica, portanto, aqui apenas o registro dessa ocorrência e da possibilidade de variação entre ambas.

4.2.3 Análise de uma possível concorrência entre as construções aspectuais [V1*andar*+V2GERÚNDIO] e [V1*estar*+V2GERÚNDIO]

Chegamos, nesta seção, ao objetivo fundamental de nossa pesquisa: testar a hipótese da concorrência entre as construções [V1*andar*+V2GERÚNDIO] e [V1*estar*+V2GERÚNDIO]. As análises até aqui empreendidas atestaram que (i) a fonte do auxiliar na construção aspectual é o verbo relacional; (ii) que não existe variação entre *estar* e *andar* enquanto formas relacionais e (iii) que as construções [*andar*+gerúndio] e [*estar*+gerúndio] estão em variação, sendo, portanto, formas concorrentes, quando são empregadas como construções lexicais. Analisemos, então, as construções aspectuais, iniciando pelos dados a seguir:

(17) a. “Mas estava muito desgostosa da vida, já **andavam inventando** histórias, calúnias [...]” (Século XIX, grifo nosso).

(17) b. Mas estava muito desgostosa da vida, já **estavam inventando** histórias, calúnias [...]”

(18) a. “Será que o Facebook está mesmo "morto e enterrado"? E você, **anda postando** em qual rede social?” (Século XXI, grifo nosso).

(18) b. Será que o Facebook está mesmo "morto e enterrado"? E você, **está postando** em qual rede social?

(19) a. “Queira Deus que não **estejas procurando** iludir-te; iludir a ti e a mim!” (Século XIX, grifo nosso).

(19) b. Queira Deus que não **andes procurando** iludir-te; iludir a ti e a mim!

Conforme asseverou Travaglia (1985), as construções compostas por [V1*andar*+V2GERÚNDIO] marcam o aspecto iterativo e “normalmente temos também o imperfectivo e o não-acabado” (p. 231). Parece ser exatamente esses dois últimos aspectos que aproximam semanticamente as duas construções, mas o mesmo valor de verdade não é assegurado devido à ausência da iteratividade nas construções [V1*estar*+V2GERÚNDIO]. Segundo o linguista ora referenciado, tais construções marcam “os aspectos imperfectivo, cursivo, não-acabado e durativo. [...]”

Muitas vezes, por influência do adjunto adverbial, temos uma interpretação iterativa” (p. 218), o que mostra, portanto, que a iteratividade não pertence à construção de verbo auxiliar. Assim, tal como verificado para os verbos relacionais, uma leitura que assegure o mesmo valor de verdade está condicionada à presença de elementos adverbiais capazes de traduzir a iteratividade, ampliando o escopo da marcação aspectual para além da construção de verbo auxiliar.

Tal restrição, contudo, parece se restringir a alguns tempos verbais de flexão do auxiliar, tal como advertira Travaglia (1985). Em se tratando do pretérito perfeito, as construções traduzem o mesmo valor de verdade, independentemente da presença de adverbiais de tempo:

(20) a. “[...] - Você tem meio de saber se James **andou faturando** muito com imóveis?”
(Século XX, grifo nosso).

(20) b. [...] - Você tem meio de saber se James **esteve faturando** muito com imóveis?

Em ambos os contextos, tem-se a ideia de iteratividade com duração descontínua, o que configura a habitualidade. Conforme Travaglia (1985, p. 104), “poder-se-ia propor a reunião dos aspectos iterativo e habitual num só aspecto já que ambos se caracterizam basicamente pela repetição originada da duração descontínua.” Mas, conforme o autor (*op. cit.*), realizar essa leitura implicaria desconsiderar a distinção entre duração limitada e ilimitada, que pode ser dimensionada dependendo do contexto.

Não se pode, a partir da análise empreendida, atestar a validade da concorrência entre as construções [V1*andar*+V2_{GERÚNDIO}] e [V1*estar*+V2_{GERÚNDIO}] na marcação do aspecto na língua portuguesa, pois, em decorrência da persistência de traços semânticos da forma lexical, as construções cujo auxiliar é o verbo *andar* marcam, além do aspecto perfectivo e do aspecto cursivo, a iteratividade, o que não se verifica com aqueles cujos auxiliar é o verbo *estar*. No caso dessas construções, a ideia de iteratividade está subordinada à presença de um adverbial de tempo, ou à flexão no pretérito perfeito. Em se tratando, contudo, da construção lexical, é possível atestar a variação e a concorrência entre as duas formas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, dedicamo-nos à investigação das construções [V1*andar*+V2GERÚNDIO] e [V1*estar*+V2GERÚNDIO] com o objetivo de verificar se essas seriam formas variantes na marcação de aspecto no português do Brasil. Para alcançar nosso intento, desenvolvemos uma análise quantitativo-qualitativa pautada no quadro teórico da sociolinguística variacionista, combinado com pressupostos teóricos atinentes ao conceito de *gramaticalização*, de *construção* e de *categoria aspectual*. Nosso *corpus* foi constituído de 600 dados coletados na plataforma *Corpus do Português* (www.corpusdoportugues.org), no período compreendido pelos séculos XIX, XX e XXI.

A análise quantitativa visou a verificar a produtividade lexical e gramatical dos verbos *andar* e *estar* e lidou com um universo de 300 dados. Os resultados obtidos foram submetidos ao teste do qui-quadrado, que atestou significância ($p < 0,05$) em todos os contextos. Conforme já esperado, os valores de frequência obtidos mostraram que o processo de gramaticalização que resultou nas construções estudadas se deu num período anterior à diacronia recortada para o estudo. Desse modo, não foi possível respondermos completamente ao quinto problema da pesquisa, alcançando, portanto, parcialmente o objetivo de verificar, no recorte sincrônico estabelecido, o período em que o processo de variação entre as formas teve início. Dados os percentuais lexicais e gramaticais registrados no século XIX tanto para *andar* quanto para *estar*, faz-se necessário recuar muito no tempo, para tentar flagrar o período exato da gramaticalização das construções. Nossos resultados permitem-nos apenas atestar que contemporaneamente o verbo *estar* é majoritariamente empregado como forma gramatical, quer como verbo relacional, quer como auxiliar, o que indicia, portanto, um processo de gramaticalização mais adiantado de *estar* em relação a *andar*, que é mais produtivo na função lexical de conotar deslocamento no espaço. Em se tratando da produtividade das duas construções, [V1*estar*+V2GERÚNDIO] é mais produtiva, o que se alinha ao resultado de um processo de gramaticalização mais avançado do verbo *estar*.

A análise qualitativa dedicou-se especificamente ao problema motivador do estudo, ou seja, à hipótese de uma possível concorrência entre as construções, estendida aos verbos relacionais *andar* e *estar*. A expectativa de que os verbos relacionais pudessem ser variantes entre si teve origem a partir dos trabalhos de Melo (1970), de Pontes (1973) e de Costa (2002). Ademais, foi fomentada pelo estudo de Coelho e Vitral (2010), quando estes discutem o *continuum* de

gramaticalização dos auxiliares, concebendo o verbo relacional como um estágio intermediário entre a forma lexical e a auxiliar. Especulamos, pois, se a fonte da gramaticalização dos auxiliares nas construções estudadas era o verbo relacional e cogitamos se uma eventual concorrência na marcação do aspecto na construção de verbo auxiliar seria um resquício do estágio relacional, cuja função precípua é marcar aspecto. Os resultados obtidos acusaram que *andar* e *estar* relacionais não são formas variantes na língua, mas que, de fato, a fonte da gramaticalização do auxiliar é o verbo relacional. A variação identificada no caso da função relacional se dá entre as construções [verbo relacional + particípio] e [verbo relacional + gerúndio]: *anda precisada* de sapatos novos = *anda precisando* de sapatos novos; *está necessitada* de dinheiro = *está necessitando* de dinheiro.

A chave de busca adotada para coletar, na base de dados do *Corpus do Português*, as 300 construções que foram objeto da análise qualitativa nos levou à descoberta de que os padrões [V1*andar*+V2GERÚNDIO] e [V1*estar*+V2GERÚNDIO] podem ser identificados tanto nos domínios do léxico (lexicalização), quanto nos da gramática (gramaticalização). No caso da lexicalização, é possível falar em variação linguística, já que as expressões “*anda podendo*” e “*está podendo*”, em contextos como “Você *anda podendo*, hein?” e “Você *está podendo*, hein?”, são variantes linguísticas, dado que a comutação de uma pela outra não altera o valor de verdade do enunciado. Em se tratando das construções gramaticais, aquelas que conotam o aspecto, a variação linguística está condicionada a dois fatores: (i) tempo verbal do auxiliar e (ii) presença de adverbial temporal. Nossos resultados se conformaram à visão de Travaglia (1985), segundo a qual o pretérito perfeito do indicativo favorece a variação entre as construções aspectuais [V1*andar*+V2GERÚNDIO] e [V1*estar*+V2GERÚNDIO]: “Um desconhecido *andou fazendo* perguntas a seu respeito” se equivale semântica e funcionalmente a “Um desconhecido *esteve fazendo* perguntas a seu respeito”. Em se tratando dos demais tempos verbais, com exceção do imperativo e do futuro, que tendem a não atualizar aspecto, a equivalência é condicionada à presença de expressão adverbial temporal, capaz de assegurar a iteratividade, que é o aspecto diferenciador das duas construções. Em ambas, manifesta-se cumulativamente os aspectos durativo/cursivo e imperfectivo, mas apenas a construção [V1*andar*+V2GERÚNDIO] traduz também o aspecto iterativo. Essa restrição funcional é, portanto, a questão fundamental que distingue as duas construções e impede a variação. Respondemos, com tais generalizações, não apenas ao nosso objetivo central, como também ao quarto questionamento de nossa pesquisa.

Acreditamos que a função de marcar a iteratividade, o que distingue funcionalmente as duas construções aspectuais, seja tributária da persistência de traços semânticos das formas lexicais que originaram os dois verbos relacionais. Não pudemos, neste estudo, aprofundar-nos nem na exploração dos étimos distintos de *estar*, tal como especulado por Coelho e Vitral (2010), nem nos de *andar*, ficando a questão em aberto para trabalhos futuros. Oportunamente, parece-nos também importante verificar se a (a)telicidade de V2 ajuda a explicar a alta produtividade do verbo *fazer* nas construções tanto com o auxiliar *andar* quanto com o *estar*. A despeito dessas limitações, acreditamos que nosso estudo tenha trazido contribuições para a descrição do Português Brasileiro, principalmente no que toca à questão do aspecto. Esperamos, pois, que nossos resultados e as possibilidades de expansão que eles sinalizam possam aquecer novas investigações e futuros estudos na área.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João de. **Introdução ao estudo das perífrases verbais de infinitivo**. Assis, São Paulo: ILHPA – HUCITEC, 1980.

BARROSO, Henrique. **O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo: visão funcional/ sincrônica**. Porto: Editora do Porto, 1994.

BENVENISTE, Emile. (1989). **Estrutura das relações de auxiliaridade**. In: BENVENISTE, Emile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas. Pontes.

BINNICK, Robert I. **Time and the Verb: a guide to tense and aspect**. New York: Oxford University Press, 1991. 579 p.

BYBEE, Joan. Mechanisms of Change in Grammaticalization: the Role of Frequency. In: JANDA, R.; BRIAN, J. (orgs.). **Handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell 2003. p. 602-623.

CAMACHO, Roberto Gomes. Uma reflexão crítica sobre a teoria sociolinguística. **Delta: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S.L.], v. 26, n. 1, p. 141-162, 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-44502010000100006>.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Princípios de linguística geral: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa**. 7.ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1989 [1942]. 334 p.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa**. Marília: Edição do autor, 1968.

CASTILHO, Ataliba. T. de. A gramaticalização. In: **Revista de estudos linguísticos e literários**. Salvador: UFBA, 1997. p. 25-64.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CHAVES, Elaine. Tese: **O surgimento do português brasileiro: mudanças linguísticas e mudanças tecnológicas no Brasil, séculos 18 e 19** / Elaine Chaves. – 2013. 250 f. Faculdade de Letras/Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2013.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria; SOUZA, Christiane Maria N. de; MAY, Guilherme Henrique. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015. 174 p.

COELHO, Sueli Maria. Tese: **Um estudo diacrônico do processo de expansão gramatical e lexical dos itens ter, haver, ser, estar e ir na língua portuguesa** – Belo Horizonte: [s.n.], 2006.

COELHO, Sueli Maria; VITRAL, Lorenzo Teixeira. O estatuto gramatical dos verbos relacionais. In: VITRAL, Lorenzo Teixeira; COELHO, Sueli Maria (org.). **Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações**. metodologias e aplicações. Campinas: Mercado das Letras, 2010. cap. 3 p. 75-104.

COELHO, Sueli Maria. Expansão gramatical e expansão lexical: dois processos linguísticos paralelos. In: VITRAL, Lorenzo Teixeira; COELHO, Sueli Maria (Org.). **Estudos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações**. Campinas: Mercado de Letras, 2010. cap. 12, p. 333-346.

COELHO, Sueli Maria; SILVA, Silmara Eliza de Paula. (2014). **O continuum de gramaticalização do verbo DAR: de predicador a auxiliar**. *Scripta*, 18(34), 23-40. <https://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2014v18n34p23>.

COELHO, Sueli Maria (org.). **Gramaticalização e mudança linguística**. Belo Horizonte: Labed – Fale/UFMG, 2018. 186 p. (Viva Voz - FALE/UFMG).

COELHO, Sueli. TENUTA, Adriana. **Uma abordagem cognitiva da linguagem** [livro eletrônico]: perspectivas teóricas e descritivas / organizadoras: Adriana Maria Tenuta, Sueli Maria Coelho. A gramaticalização da construção V1 verbo de movimento + V2 gerúndio e a expressão do aspecto iterativo no português – Belo Horizonte: pp.139- 156.FALE/UFMG, 2018. 270 p.

COMRIE, Bernard. **Aspect: na introduction to the study of verbal aspect and related problems**. New York: Cambridge University Press, 2001 [1976].

CORÔA, Maria Luiza Monteiro Sales. **Tempo nos verbos do português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. 96 p.

COSTA, Sônia Bastos Borba. **O aspecto em Português**. São Paulo: Contexto, 2002.

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michal. **Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s**. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em 01 dez. 2020.

DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1978. 624 p.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite *et al* (orgs.). **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite *et al.* Critérios de gramaticalização. In: CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia (org.). **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos & aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. Cap. 2. p. 67-90.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite *et al.* Estudos de Caso. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos & aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. Cap. 3. p. 91-156.

GOLDBERG, Adele. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GUY, Gregory Rirodan; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. 239 p.

HEINE, Bernd. **Auxiliaries: Cognitive Forces and Grammaticalization**. New York: Oxford University Press, 1993.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

KURYLOWICZ, J. **The inflectional Categories of Indo-European**. Heidelberg: Winter, 1964.

LABOV, William. **Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera**. Sociolinguistic Working Papers, 44. Austin, Texas. Southwest Educational Development Laboratory, 1978.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: social factors**. v. 2. Cambridge: Blackwell Publishers, 2001.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos** (Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso). São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LAVANDERA, Beatriz 1978. Where does the sociolinguistic variable stop? **Language in Society**. 7: 171-82.

LEHMANN, Christian. **Thoughts on grammaticalization**. 2. ed. Erfurt: Assidue Arbeitspapiere Des Seminars Für Sprachwissenschaft Der Universität Erfurt, 2002. 171 p. Revised edition n. 9 ISSN 1612-0612. Disponível em: <https://www.christianlehmann.eu/publ/ASSidUE09.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2020.

MAFRA, Johnny José. **Fundamentos da gramática latina, vol. 6: Pequeno dicionário latino-português**. Belo Horizonte: Edição do Autor, 2015.

MARTELOTTA *et al.* **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: UFRJ – Grupo de Estudos Discurso & Gramática, 1996.

MEILLET, Antoine. **Linguistique historique et linguistique générale**. Champion: Paris, 1982.

MELO, Gladstone Chaves de. **Gramática fundamental da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970. 404 p.

POPLACK, Shan. Grammaticalization and linguistic variation. In: HEYNE, B.; NARROG, H. **Handbook of grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 209-224. 175-186

PONTES, Eunice. **Verbos auxiliares em português**. Petrópolis: Vozes, 1973.

REICHENBACH, Hans. The tenses of verbs. In: _____. (ed.). **Elements of symbolic logic**. New York: The MacMillan Company, 1947. p. 287-298.

SILVA, Silmara Eliza de Paula. **A CONSTRUÇÃO VERBAL V1DAR + PREPOSIÇÃO + V2INFINITIVO: um estudo na interface sociolinguística e gramaticalização**. 2018. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Poslin, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Editora Ática, 1982.

TARALLO, Fernando. Reflexões sobre o conceito de mudança linguística. In: **Organon**, v.18. 1991. p. 11-22.

TARALLO, Fernando. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: KATO, Mary A.; ROBERTS, Ian (Org.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp. 1993. p. 69-106.

TENUTA, Adriana Maria; COELHO, Sueli Maria (org.). A gramaticalização da construção V1 verbo de movimento + V2 gerúndio e a expressão do aspecto iterativo no português. In: TENUTA, Adriana Maria; COELHO, Sueli Maria. **Uma abordagem cognitiva da linguagem: perspectivas teóricas e descritivas**. Belo Horizonte: Núcleo de Estudos da Língua em Uso, 2018. Cap. 7. p. 139-156. Disponível em: http://www.letas.ufmg.br/site/e-livros/abordagem-cognitiva-linguagem_Adrina_Tenuta_Sueli_Coelho.pdf. Acesso em: 10 maio 2020.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O aspecto verbal no Português: A categoria e sua expressão**. 3. ed. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 1981. v. 1.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O aspecto verbal no Português: a categoria e sua expressão**. ed. rev. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1985, p.49-54.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramaticalização de verbos** – Relatório de pesquisa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras / UFRJ, Relatório de Pós-Doutorado em Lingüística, 2002.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A gramaticalização do verbo começar. In: Luiz Carlos Travaglia; Ernesto Sérgio Bertoldo; Fernanda Mussalim; Maura Alves de Freitas Rocha; Maurício Viana de Araújo. (Org.). **Lingüística: caminhos e descaminhos em perspectiva**. Uberlândia: EDUFU, 2006.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Uma gramaticalização em cadeia para indicação de aspectos. In.: VITRAL, Lorenzo; COELHO, Sueli. (orgs.). **Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. cap. IV, p. 105-137.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Constructions in Grammaticalization. In: AND, Brian D. Joseph; JANDA, Richard D. (ed.). **The Handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell Publishing, 2003. Cap. 20. p. 624-647.

VENDLER, Zeno. Verbs and Times. **Linguistics in Philosophy**. Ithaca: Cornell University Press, 1967.

VITRAL, Lorenzo; COELHO, Sueli (org.). **Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações**. Campinas: Mercado das Letras, 2010. 350 p.

VITRAL, Lorenzo; COELHO, Sueli. A auxiliarização em Português: aspecto, novas formas e implicações teóricas. In: GALVES, Charlotte; KATO, Mary A.; ROBERTS, Ian (org.). **Português brasileiro: uma segunda viagem diacrônica**. Campinas: Editora Unicamp, 2019. p. 253-282.

VITRAL, Lorenzo; VIEGAS, Maria do Carmo; OLIVEIRA, Alan Jardel. Inovação versus mudança: a interseção gramaticalização/ teoria da variação e mudança. In: VITRAL, Lorenzo; COELHO, Sueli (org.). **Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações**. Campinas: Mercado das Letras, 2010. Cap. 7. p. 201-228.